

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Felipe Schulz Praia

**“Nuestra lucha es por la historia”: um estudo comparativo sobre memória e
identidade entre o EZLN do México e o EGTK da Bolívia**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
História da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, como
requisito parcial pra obtenção do
grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Mathias
Seibel Luce

PORTO ALEGRE

2013

Felipe Schulz Praia

“Nuestra lucha es por la historia”: um estudo comparativo sobre memória e identidade entre o EZLN do México e o EGTK da Bolívia (década de 1990)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial pra obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Mathias Seibel Luce

Aprovado em:

Conceito:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Cláudia Wasserman

(UFRGS)

Prof. Me. Edson Antoni

(UFRGS)

Prof. Dr. Mathias Seibel Luce (Orientador)

(UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família pelo amor que me deram, e em especial a meus pais Rosane Marta Schulz Praia e Luís Marcelo Bastos Praia por sempre me darem apoio e incentivo nas minhas iniciativas e não se preocuparem com a “questão financeira” em função da profissão que escolhi. Faço menção também à minha tia, Rosângela Marione Schulz, que, gostando ela ou não, influenciou diretamente no caminho que tomei em direção à graduação em História.

Agradeço também ao ex-professor e agora amigo e companheiro de luta Rafael Balardin, que me convenceu, através dos debates em sala de aula no ensino médio, que deveria prestar vestibular para o curso de História e que, mais tarde, me ajudou a eleger a licenciatura como rumo. À minha namorada, Isadora Lunardi Diehl, brilhante historiadora, que me deu apoio nos momentos difíceis da produção dessa pesquisa - tendo paciência para ouvir meus reclames e sugerir acréscimos importantes para o trabalho -, bem como nas situações em que era preciso “dar um tempo” na monografia e aproveitar o dia de outra maneira.

Presto minhas homenagens também a todos os meus amigos que contribuíram intelectualmente para minha formação, mas que também tiveram participação no atraso de inúmeros trabalhos ao fim de cada semestre do curso, dos quais destaco Felipe Bondan, Lucas Dutra e Marcos Bohrer. Impossível mencionar todos os amigos que fiz nesse curso e que me ajudaram a concluir a graduação, mas não posso deixar de citar os companheiros que sempre estiveram ao meu lado durante esse período: Antônio Melo, Luiz Felipe Lied, Leonardo Lara e Guilherme Nunes. Sou grato também ao CHIST que sempre lutou e, que sempre lutará em defesa dos estudantes e, ao mesmo tempo, (por que não?) por um mundo mais justo não só para os historiadores.

Por fim, agradeço aos professores Luiz Dario Teixeira, Cláudia Wasserman, Enrique Padrós e Eduardo Neumann por me auxiliarem durante a graduação e a meu orientador Mathias Luce. Aproveito o espaço para manifestar meu sincero desejo de que a UFRGS permaneça (e avance) como uma universidade pública, gratuita e de qualidade, e demonstrar minha gratidão pelo amparo desta instituição.

RESUMO

Este trabalho busca compreender a construção da memória e da identidade de dois movimentos indígenas armados que se insurgem no início dos anos 1990 na América Latina, quais sejam, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (surgido no México, em 1994) e o Exército Guerrilheiro Tupak Katari (surgido na Bolívia, tendo uma curta duração – 1986 a 1992). A análise parte da referência que ambos fazem às figuras históricas que carregam em seus nomes, levando em conta também outros elementos memorialísticos de relevância para a elaboração da identidade presentes nos discursos do EZLN e do EGTK. Assim, a pesquisa pretende responder a seguinte questão: De que forma os movimentos utilizam as figuras de Zapata (no caso do EZLN) e de Tupak Katari (no caso do EGTK) para reforçar uma identidade que permita a mobilização para a luta contra o que consideram opressão?

RESUMEN

Este trabajo intenta comprender la construcción de la memoria y de la identidad de dos movimientos indígenas armados que se insurgen en los años 1990 en América Latina, cuales sean, el Ejército Zapatista de Liberación Nacional (surgido en México, en 1994) y el Ejército Guerrillero Tupak Katari (surgido en Bolivia, con una corta existencia – 1986 a 1992). El análisis parte de la referencia que ambos hacen a las figuras históricas que llevan en los nombres, llevando se en cuenta también otros elementos de la memoria que son relevantes para la elaboración de la identidad presentes en los discursos del EZLN y del EGKT. Así, la pesquisa pretende responder a la siguiente cuestión: De que manera los movimientos utilizan las figuras de Zapata (en el caso del EZLN) e de Tupak Katari (en el caso del EGKT) para reforzar una identidad que permite la movilización para la lucha contra lo que consideran opresión?

LISTA DE SIGLAS

COB = Central Obrera Boliviana

CSUTCB = Confederación Sindical Única de Trabajadores Campesinos de Bolivia

EZLN = Ejército Zapatista de Libertación Nacional

EGTK = Ejército Guerrilheiro Tupak Katari

FSUTCLP “Tupak Katari” = Federación Sindical Única de Trabajadores Campesinos de LaPaz “Tupak Katari”

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1: Porque comparar o EZLN e o EGTK a partir da relação entre memória e identidade?.....	16
1.1. Teoria e Metodologia.....	16
1.2. Semelhanças e diferenças entre o Exército Zapatista de Libertação Nacional e o Exército Guerrilheiro Tupak Katari.....	21
CAPÍTULO 2: Memória.....	29
2.1. Expressões.....	37
2.2. Herança de opressão e herança de luta.....	38
2.3. O uso da História.....	39
2.4. Disputa de memória.....	43
CAPÍTULO 3: Identidade.....	50
CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa a questão da memória e da identidade em dois movimentos indígenas armados da América Latina que se insurgem no início dos anos 1990, quais sejam, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (surgido no México, em 1994) e o Exército Guerrilheiro Tupak Katari (surgido na Bolívia, tendo uma curta duração – 1986 a 1992). Ambos carregam nos nomes referências a personagens relevantes da história de seus países. Assim, no âmbito mais específico, a pesquisa trata do seguinte problema: De que forma os movimentos utilizam as figuras de Zapata (no caso do EZLN) e de Tupak Katari (no caso do EGTK) para reforçar uma identidade que permita a mobilização para a luta contra o que consideram opressão?

Quando em 1994 o Exército Zapatista de Libertação Nacional se pronunciou oficialmente pela primeira vez através da Primeira Declaração da Selva Lacandona, o seu grito de “Basta!” carregava em seu significado não só o questionamento à situação de descaso do Estado mexicano com os indígenas da região de Chiapas, mas também a exclusão da sociedade neoliberal a todos os grupos oprimidos. Ao mesmo tempo, a declaração afirma que os mexicanos são o produto de 500 anos de lutas, inscrevendo assim as origens e objetivos do movimento numa perspectiva temporal de larga duração¹. Essa visão exposta nas ideias do movimento zapatista instiga a prestar atenção em outras realidades semelhantes.

Alguns anos antes se formava na Bolívia o Exército Guerrilheiro Tupak Katari, que conjugava dois grupos militantes distintos: um formado por camponeses aimáras e quéchuas e outro por jovens mestiços de classe média e trabalhadores. A intenção da organização era agregar o proletariado, mais especificamente o mineiro, ao campesinato indígena na luta contra a opressão e exploração desses setores. Como aponta Fabíola Escárzaga², esse movimento é de grande importância para constituição dos aimáras e quéchuas como agentes autônomos no cenário político boliviano. Em suas palavras:

La insurgencia indígena del EGTK es solo un episodio significativo de un largo proceso acumulativo prévio y coadjuvante de procesos políticos y

¹ ROJAS, Carlos Antonio Aguirre; ECHEVERRÍA, Bolívar: MONTEMAYOR, Carlos e WALLERSTEIN, Immanuel. *Chiapas en perspectiva histórica*. El Viejo Topo, 2001.

² ESCÁRZAGA, Fabíola. *El Ejército Guerrillero Tupak Katari (EGTK), la insurgencia aymara em Bolivia*. Disponível em: www.pacarinadelsur.com/home/oleajes/441-el-ejercito-guerrillero-tupak-katari-egtk-la-insurgencia-aymara-en-bolivia. Acesso: 25/06/12 às 01h43min.

sociales posteriores, ocurridos en la base india de la sociedad boliviana. (...) Lo que prevalece de la experiencia, a pesar de la pronta desarticulación del grupo es la capacidad de acción autónoma de masas campesinas aymaras y quéchuas y su acumulada capacidad organizativa y de definición de un proyecto radical de transformación política próprio³.

Tupak Katari foi um indígena aimára que nasceu aproximadamente em 1751 numa região entre Oruro e La Paz na Bolívia. No ano de 1781, ele liderou o cerco à estratégica cidade colonial de La Paz, fundada por espanhóis. O seu programa social reivindicava, basicamente, a promoção dos valores autóctones e a eliminação dos abusos cometidos pela administração colonial sobre os indígenas. Em 1782, Tupak Katari é preso e morto pelas autoridades espanholas.

Emiliano Zapata nasceu no ano de 1879 em Anenecuilco, na região de Morelos, México. Durante a Revolução Mexicana, iniciada em 1910, Zapata defendeu a implementação da reforma agrária, inclusive acusando Francisco Madero – também participante da revolução – de traição, quando esse assume a presidência do país e nega a aplicação de mudanças no que tange a propriedade de terras, que estava nas mãos de uma elite agrária. Zapata liderou camponeses do sul do México (grande parte indígenas) em busca da expropriação de terras dos que se diziam contra a revolução para logo após dividi-las entre os camponeses e promover o reconhecimento de terras que foram tomadas de camponeses (dos quais muitos era indígenas). O que fica patente na luta de Zapata é o ideal de justiça social, buscado tanto pela via armada, quando pelo apelo ao cumprimento da lei, como será visto adiante. Em 1919, é assassinado em Morelos.

No México, as medidas neoliberais passam a ser implementadas pelo presidente Carlos Salinas Gortari (1988 – 1994), empossado após uma eleição com muitas contestações, em função da forte suspeita de fraude. Gortari tinha como tarefa combater a grave crise econômica que assolou o país a partir dos anos 1980, com o governo de Miguel de la Madrid Hurtado (1982 – 1988). Cláudia Wasserman informa como a crise se originou:

o desequilíbrio orçamentário dos sucessivos governantes do PRI [Partido Revolucionario Institucional] e a queda dos preços do petróleo no decênio anterior levaram a uma inflação de quase 100% ao ano, ao desemprego entre 20 e 25% e a desvalorização do peso em relação ao dólar⁴

3 *Ibidem*, p. 1

4 WASSERMAN, Claudia. *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou 'por que voltar ao México 100 anos depois'*. In: Cadernos IHU ideias, ano 9, n. 152, 2011, p. 14

Como caminho para sair da crise, Gortari optou por seguir os conselhos que o Consenso de Washington (1989) dava aos países latino-americanos, que, em linhas gerais, consistiam na redução de gastos públicos; na abertura aos investimentos estrangeiros, acabando com as restrições ao mesmo; e na privatização de empresas estatais. Dessa forma, Salinas Gortari provocou a deterioração de uma série de serviços públicos essenciais, promoveu a privatização de diversas empresas estatais e assinou um acordo de comércio com os Estados Unidos, conhecido como NAFTA (Tratado Norte-americano de livre comércio). Essas medidas acentuaram a pobreza das populações não favorecidas. A crise econômica, bem como as consequências das determinações de Gortari são sentidas com mais intensidade na região sul do México, onde mesmo as conquistas da Revolução Mexicana (a reforma agrária, as nacionalizações e o aumento da participação política por parte da população) não são efetivados. O sul mexicano mantém uma estrutura socioeconomicamente arcaica e uma política de cunho autoritário e racista. Assim, essa região não chega a ter as mesmas reformas modernizantes por que passam o norte e o centro do México⁵.

A Bolívia em que emerge o EGTK encontra-se sob a presidência de Victor Paz Estenssoro, que ocupava o cargo pela terceira vez, assumindo após Hernán Suazo (1982 – 1985). O país ainda enfrentava o problema da hiperinflação, do déficit fiscal e do enfraquecimento das empresas estatais, consequências de uma má administração e de uma conjuntura internacional pouco favorável para a exportação de estanho durante os governos militares (1964 – 1982). A alternativa encontrada por Estenssoro para frear a derrocada da economia boliviana foi a aplicação de uma série de medidas liberalizantes no campo econômico através da chamada Nova Política Econômica (NPE). As consequências dessas medidas foram a diminuição do papel do Estado na economia e a abertura ao capital externo. A privatização da Comibol (“Corporación Minera de Bolivia”) é um duro golpe na organização sindical, levando ao desemprego 23 mil mineiros que passam a se dedicar ao mercado informal e à atividade cocalera. Nesse período há um processo de migração interna que aumenta o número das periferias dos centros urbanos, com destaque para o rápido crescimento populacional de El Alto, cidade-dormitório de La Paz. Resulta desse processo o fim do modelo de Estado construído a partir da Revolução de 1952 pelo MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário) – partido de Estenssoro, sendo esse presidente entre 1952 e 1956 e contribuidor para a construção de tal modelo estatal que nos anos 1980 ajudara a

5 Essa noção é desenvolvida por ROJAS, C. Aguirre. *Chiapa, Planeta Tierra*. México: Editorial Contrahistorias, 2006.

destruir, no qual ocorreu uma ampla reforma agrária e a nacionalização da atividade mineradora.

Como demonstra José D'Assunção Barros⁶ ao comentar a obra *Reis Taumaturgos* de Marc Bloch, a comparação – por meio do método específico da História Comparada – de dois casos sincrônicos pode contribuir, de alguma forma, para a compreensão mais plena do espaço amplo em que elas estão inseridas. No caso dessa pesquisa, a análise comparada da referência a Emiliano Zapata feita pelo movimento zapatista do México com a referência a Tupak Katari feita pelo EGTK da Bolívia, a partir da relação existente entre memória e identidade, permite entender de forma mais completa a América Latina e a situação de povos indígenas num contexto de neoliberalismo, bastante evidente durante as décadas de 1980, 1990 e 2000.

O período a ser analisado no caso do EGTK é de 1986 a 1992. A dificuldade em acessar a documentação produzida pelo grupo boliviano não permitiu a análise de um número extenso de fontes⁷. Ainda assim, foi possível estabelecer um estudo consistente através do exame do livro de Felipe Quispe⁸ intitulado *Tupak Katari vuelve... carajo*⁹, que é tido como o texto fundador do grupo. Nele estão contidos, além de um breve resumo da rebelião de Tupak Katari, a defesa – promovida por Quispe e outros indígenas, através de teses apresentadas em organizações sindicais bolivianas – da luta armada como forma de chegar ao poder. Consultou-se, também, o comunicado *¿Qué busca el EGTK?*, no qual estão contidos os principais objetivos do grupo armado boliviano¹⁰. Já para o caso do EZLN, deu-se preferência à utilização das declarações e comunicados oficiais produzidos entre 1994 e 2001. O ano de 2001 é emblemático, pois é quando ocorre a Marcha Zapatista em direção à Cidade do México visando conseguir o reconhecimento constitucional dos direitos indígenas. A Marcha passa por lugares que Emiliano Zapata travou algumas de suas principais batalhas. Deve-se sublinhar que os documentos analisados são os que evidenciam de forma mais clara a menção aos nomes de Tupak Katari e Emiliano Zapata. As

6 BARROS, José D'Assunção. História Comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. In: *História Social (Revista da Unicamp)*. vol.13, 2007, 7-21. Disponível em: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/download/207/199. Acesso em 26/06/2012, às 16h07min.

7 Diferentemente das fontes produzidas pelo EZLN, os textos do EGTK não se encontram disponíveis na internet, à exceção do comunicado *¿Qué busca el EGTK?*

8 Principal idealizador do Exército Guerrilheiro Tupak Katari.

9 QUISPE, Felipe. *Tupak Katari vuelve...carajo*. Ediciones Ofensiva Roja, La Paz, 1988.

10 EGTK, *¿Qué busca el EGTK?* Citado por: SALOMÓN, Jaime Iturri. *EGTK: La guerrilla aymara en Bolivia*. Ediciones Vaca Sagrada, 1992, La paz, Bolívia. E disponível em: <http://www.cedema.org/ver.php?id=1245>. Acesso em: 17/06/2013, às 12h24min.

características mais específicas das fontes bem como suas diferenças entre si serão tratadas no capítulo 1.

A construção do problema de pesquisa se deu através da leitura da bibliografia existente sobre os dois movimentos aqui tratados e, a partir disso, da percepção da possibilidade, ainda não contemplada, de uma análise comparada entre o EZLN e o EGTK no que tange à questão da memória e identidade. Em 2001, Carlos Aguirre Rojas na introdução de *Chiapas en perspectiva histórica*¹¹ chamou atenção para a falta de trabalhos de história sobre o Exército Zapatista de Libertação Nacional. Ainda que tenham sido feitos muitos esforços explicativos por sociólogos a respeito desse tema, Aguirre Rojas afirma que esses estudos tendem, mesmo sem querer, a ficar “sólo dentro de la detección e identificación de los procesos y de las causas más inmediatas del conflicto”¹². Esse imediatismo acaba por gerar algumas perdas importantes na análise como esquecer a densidade histórica profunda que há nos acontecimentos ocorridos e o prejuízo de não contar com a oportunidade de inscrever esses fatos numa perspectiva de maior alcance temporal, que seja mais atenta às principais lições da história.

Já antes do apelo de Aguirre Rojas, alguns trabalhos incluíam o movimento chiapaneco numa perspectiva histórica. É o caso da contribuição de Juan González Esponda e Elizabeth Pólito Barrios¹³ – que estudam a formação histórica de Chiapas desde sua incorporação ao México (em 1824) para entender o problema agrário da região e as motivações que levaram à criação do EZLN. Em 2005, Emílio Gennari¹⁴ remontou os “passos da rebeldia” do movimento através de uma narrativa romantizada e militante. Pablo Gonzáles Casanova¹⁵ identificou as causas da rebelião em um artigo publicado em 2006. Armando Bartra e Gerardi Otero¹⁶ também comentam a história dos povos indígenas no México pós-colonial para, logo após, discutirem conceitos que ajudam a entender a formação do EZLN.

11 ROJAS, C. Aguirre [et. al.]. *Chiapas en perspectiva histórica*. El Viejo Topo, 2001.

12 *Ibidem*, p. 9

13 ESPONDA, Juan González e BARRIOS, Elizabeth Pólito. *Notas para comprender el origen de la rebelión zapatista*. In: Revista Chiapas, México, Ediciones Era, n. 1, 1994. Disponível em: <http://www.revistachiapas.org/No1/ch1gonzalez-polito.html>. Acesso em 28/06/2012 às 23h55min.

14 GENNARI, Emilio. *EZLN: passos de uma rebeldia*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

15 CASANOVA, Pablo Gonzáles. *Causas da rebelião em Chiapas*. In: Revista O Olho da História, Salvador, n. 3, dez. 2006. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/03casano.html>. Acesso em: 29/06/2012, às 0h38min.

16 BARTRA, Armando e OTERO, Gerardo. *Movimientos campesinos em México: la lucha por la tierra, la autonomía y la democracia*. In: MOYO, Sam e YERO, Paris (coord.). *Recuperando la tierra, el*

Pesquisas que contém uma análise historiográfica mais profunda sobre a temática ainda são incipientes. Carlos Barros¹⁷ é um dos contribuidores nesse sentido, tendo escrito um artigo que ressalta a importância de Chiapas para a historiografia. O próprio trabalho de Carlos Aguirre Rojas em conjunto com Bolívar Echeverría, Carlos Montemayor e Immanuel Wallerstein, já citado anteriormente, pode ser incluído nessa perspectiva. No Brasil, recentemente Cláudia Wasserman¹⁸ escreveu um artigo buscando interpretar o movimento chiapaneco através da visão de longa duração dos acontecimentos advogada por Aguirre Rojas. Além desse trabalho, podemos citar a dissertação de mestrado de Edson Antoni¹⁹ que analisa o EZLN e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra brasileiro a partir do conceito de novo movimento social. No âmbito mais específico de estudos que versem sobre a questão da memória e identidade no EZLN, Carlos Aguirre Rojas figura, mais uma vez, entre os autores com o texto “Mitos y olvidos en la historia oficial de México”²⁰. Sofía Rojo Arias²¹ disserta sobre os usos da história e da memória por parte do grupo guerrilheiro de Chiapas, bem como Daniela Albarrán²² que debate também o conflito existente entre o EZLN e o Estado Mexicano pela memória de Emiliano Zapata.

Sobre o Exército Guerrilheiro Tupak Katari encontrou-se poucos estudos. O artigo de Fabíola Escárzaga²³ reconstrói a trajetória do grupo e avalia a sua importância para a organização dos povos aimáras e quéchuas na Bolívia. A autora faz isso baseada em documentos confeccionados pelo movimento e entrevistas com ex-membros como Felipe Quispe (indígena aimára e principal ideólogo do EGTK), Raquel Gutiérrez e Álvaro Garcia

resurgimiento de movimientos ruarales em México, Asia y América Latina. Buenos Aires: CLACSO, pp. 401-128.

17 BARROS, Carlos. *Chiapas y la escritura de la historia*. In: Revista Clio y Asociados, n. 5, 2000. Disponível em: http://bibliotecavirtual.unl.edu.ar:8180/publicaciones/bitstream/1/2467/1/CLIO_5_2000_pag_58_75.pdf. Acesso em: 29/06/2012, às 01h08min.

18 WASSERMAN, Cláudia. *Op. Cit.*

19 ANTONI, Edson. *Os novos movimentos sociais latino-americanos: o Exército Zapatista de Libertação Nacional e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

20 ROJAS, Carlos Aguirre. *Mitos y olvidos en la historia oficial del México*. México D.F., Ediciones Era, 2004.

21 ARIAS, Sofía Rojas. *Los usos de la historia: memoria y olvido en los comunicados del EZLN*. In: Perfiles Latinoamericanos, ano 5, n. 9, 1997. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=11500910>. Acesso em: 29/06/2012, às 02h32min.

22 ALBARRÁN, D. *Op. Cit.*

23 ESCÁRZAGA, Fabíola. *Op. Cit.*

Linera. Jaime Iturri Salmón²⁴ e Ayar Quispe²⁵ também publicaram livros sobre o movimento²⁶. No entanto, um trabalho de cunho historiográfico que analise a questão da memória e da identidade no movimento boliviano ainda não existe.

Com o intuito de contribuir para a historiografia que pensa os movimentos indígenas na América Latina, remete-se, novamente, a algumas observações pertinentes da História Comparada para justificar tanto a viabilidade quanto a validade da análise procedida. José D'Assunção Barros afirma, ao falar sobre os objetos a serem comparados, que a variação na escala de comparação permite estudar inclusive grupos étnicos e identitários. Assim, com um foco menos abrangente da metodologia descrita, analisando objetos como sujeitos que se sentem pertencentes a uma organização específica, pode-se destrinchar as relações étnicas e identitárias estabelecidas por esses, que de uma escala nacional, por exemplo, seriam imperceptíveis. Fernando Devoto e Boris Fausto em seu livro *Argentina – Brasil: 1850 – 2000: un ensayo de Historia Comparada*²⁷ advogam a favor de um estudo comparativo a partir de uma escala mais restrita ao dizer que “una historia verdaderamente social solo es factible en la escala pequeña, es ahí donde pueden indagarse específicamente los hombres en sus acciones, creencias, comportamientos concretos”²⁸. Por isso afirmam que seu livro (uma análise a nível nacional de duas situações) é um incentivo, um ponto de partida da História Comparada e não um ponto de chegada.

Nesse sentido, acredita-se que um estudo histórico que compare os casos do EZLN e do EGTK através da questão da memória e identidade é necessário – pela contribuição à historiografia latino-americana dos movimentos indígenas – e viável, pois, se verá mais tarde, que o método da História Comparada auxilia no estudo de objetos como os deste trabalho. Além disso, parece importante prestar a atenção no que Carlos Barros chamou de o ressurgimento do sujeito social na historiografia, segundo ele o movimento de Chiapas marca esse fenômeno, pois a partir dos anos 1990 houve um maior interesse dos estudiosos acadêmicos para com a análise de conflitos, revoluções e revoltas sociais²⁹. Em minha

24 SALMÓN, Jaime Iturri. *EGTK: la guerrilla aymara em Bolivia*. La Paz, Bolivia: Ediciones Vaca Sagrada, 1992.

25 QUISPE, Ayar. *Los tupakataristas revolucionários*. Editorial Wilka, 2005.

26 Infelizmente, esses dois livros não puderam ser acessados, pois não foram publicados no Brasil e não foi possível trazê-los da Bolívia.

27 DEVOTO, Fernando e FAUSTO, Boris. *Argentina – Brasil: 1850 – 2000: un ensayo de Historia Comparada*. 1ª ed., Buenos Aires: Sudarmericana, 2008.

28 *Ibidem*, p. 10.

29 BARROS, Carlos. *Op. Cit.*

opinião, o movimento indígena camponês mexicano, assim como o EGTK e tantos outros, marca não somente a volta do sujeito social à historiografia, mas também a capacidade de expressão e organização de grupos que historicamente foram despossuídos de espaços para expor seus pensamentos. O que se destaca nessa pesquisa é o papel de protagonistas assumido pelas populações autóctones da América Latina durante o neoliberalismo. Como defende Fabíola Ezcárzaga, as transformações produtivas que ocorreram entre os anos 1980 e 1990 geram uma demanda cada vez maior por recursos naturais e a incorporação de territórios antes não centrais para o mercado mundial. Dessa forma,

Las poblaciones indígenas antes olvidadas, particularmente las asentadas en los territorios selváticos [...] se convirtieron así en un actor relevante para el sistema internacional, en tanto que los recursos naturales de los que han sido depositarios durante siglos, adquirieron un valor considerable para el mercado internacional y se volvieron condiciados, por ejemplo, los hidrocarburos y otros minerales, el agua, la biodiversidad, el oxígeno, etc.³⁰

Esse processo tem como resultado, entre outras consequências, a entrada de novos sujeitos na luta contra o capitalismo (como os movimentos de indígenas, mulheres e jovens, entre outros), substituindo o protagonismo que tiveram a classe trabalhadora e os setores médios na conquista de mudanças importantes numa etapa anterior. É nesse sentido que François Hartog e Jacques Revel apontam a importância social que os usos políticos do passado têm no cenário atual:

‘Los usos políticos del pasado’ han permitido la reapropiación de la historia a grupos que han sido ‘[...] en particular [...] tradicionalmente poseídos de la capacidad de expresarse’. De tal manera que hoy les permite participar en la elaboración de su propia historia³¹

A pesquisa está composta por três capítulos. No capítulo 1 apresenta-se os conceitos teóricos de memória e identidade apropriados das formulações de Michael Pollak, descrevendo-se que elementos devem ser levados em conta no processo de construção das memórias, principalmente quando se tratam das de caráter coletivo (como as constituídas pelo EZLN e pelo EGTK). Ainda é exposta a metodologia da História Comparada que é empregada na análise a fim de demonstrar quais são os objetos de estudo que podem ser comparados e de que forma eles devem ser analisados, partindo das perguntas propostas por José D'Assunção de Barros: o que comparar? E como comparar? Além disso, num segundo

30 ESCÁRZAGA, Fabíola. La emergencia indígena contra el neoliberalismo. In: *Política y Cultura*, otoño 2004, núm. 22, pp. 101-102.

31 HARTOG, François e REVEL, Jacques, 2001 apud. ALBARRÁN, Daniela, *Op. Cit.*

momento do capítulo 1, são abordadas as semelhanças e diferenças mais patentes entre os dois movimentos para justificar a viabilidade de uma pesquisa que compare a relação entre memória e identidade, a partir da referência a dois personagens históricos, presente no EZLN e no EGTK.

O segundo capítulo foca-se na análise da construção das memórias de cada um dos movimentos, apresentando quais dos elementos pensados por Pollak para a construção da memória demonstram semelhanças e quais demonstram diferenças entre os grupos. Sem perder de vista a centralidade das figuras históricas de Emiliano Zapata (para o caso do EZLN) e Tupak Katari (para o caso do EGTK), analisa-se as referências ao passado e as formas de articulação dessa memória com as demandas que os grupos apresentam como seus objetivos de luta, bem como as disputas existentes em torno dessas memórias.

No terceiro capítulo, trata-se de entender como esses elementos de memória são trabalhados pelo EZLN e pelo EGKT no que Pollak chamou de “enquadramento da memória” com o objetivo de compreender quais identidades são criadas e reforçadas no intuito de manter os seus componentes agregados para a luta.

Por fim, a conclusão da pesquisa traz os resultados da análise, em que é possível perceber o modo com que o EZLN e o EGTK utilizam-se das figuras históricas que inspiram seus movimentos para criarem e manterem uma identidade de caráter combativo, observando-se, também, de que maneira essa compreensão pode contribuir para os estudos dos movimentos indígenas na América Latina.

CAPÍTULO 1: Porque comparar o EZLN e o EGTK a partir da relação entre memória e identidade?

1.1 Teoria e Metodologia

A análise dos usos do passado através de personagens históricos feito pelos movimentos indígenas EZLN e EGTK realizou-se a partir de dois conceitos: memória e identidade. Ambos foram retirados da teorização de Michael Pollak contida no artigo *Memória e Identidade social*³². A opção por um estudo comparativo levou ao estudo das formulações metodológicas da História Comparada. Utilizou-se, principalmente, do já citado artigo de José D'Assunção de Barros intitulado *História comparada – da contribuição de Marc Bloch à construção de um moderno campo historiográfico*³³.

A memória, pensada por Pollak, deve ser entendida não somente como um fenômeno individual. O autor mostra que já nos anos 1920-1930 Maurice Halbwachs³⁴ havia demonstrado que a memória é também um fenômeno construído coletivamente e que está sujeito a mudanças e transformações (ainda que ressalte que uma parte da memória é quase irreduzível, pois nesse ponto o processo de estruturação acontece mais fortemente). Essas mudanças se dão devido às necessidades apresentadas pelo presente. Ao investigar os usos da história e do passado feitos pelo EZLN e pelo Estado mexicano, Daniela Albarrán³⁵ esclarece o modo como a História oficial forjou a figura de Zapata para justificar a nação e as instituições nacionais, resgatando-o como herói de um movimento que “finalmente transformó a México hacia las intuiciones democráticas”³⁶ e deixando de lado seu lado rebelde e suas intenções de transformação radical. Esses últimos aspectos são justamente os que serão apropriados pelo movimento zapatista surgido em 1994, acentuando pontos do programa social idealizado por Emiliano Zapata, como a reforma agrária. Esse uso da memória de Zapata visa criar uma identidade que articule para a luta em busca de direitos indígenas e da concretização de reivindicações dos camponeses mexicanos. Assim, pode-se perceber claramente nesse conflito entre o EZLN e o Estado mexicano as flutuações que sofre a memória em decorrência das demandas que apresentam o presente, levando-se

32 POLLAK, Michael. *Memória e Identidade social*”. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

33 BARROS, J. *Op. Cit.*

34 HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, 2 ed. : Centauro, 2006

35 ALBARRÁN, Daniela. *Los usos de la memoria y de la historia del zapatismo en un conflicto actual: origen y surgimiento del EZLN 1994*. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/30312>. Acesso em: 26/06/2012, às 14h58min.

36 *Ibidem*, p. 5

também em conta os objetivos a serem alcançados pelos sujeitos que se apropriam do personagem histórico, nesse caso.

O embate apresentado por Albarrán leva a pensar em outra consideração importante feita por Pollak. A memória é um campo de disputa. A luta em torno do que será lembrado, comemorado e estruturado na memória de uma sociedade é sempre um ponto que deve ser levado em conta, quando se trata dessa temática. Assim, deve-se entender a memória como “lugar e objeto de disputa nas relações de poder em confronto na realidade social”³⁷. Esse caráter conflitivo perpassa a análise feita nessa pesquisa, já que tanto o caso da EZLN quanto do EGTK podem ser entendidos a partir do conceito de “memórias subterrâneas” teorizado por Pollak, que identifica uma oposição entre essas e a memória oficial:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘Memória oficial’, no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. [...] Ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes.³⁸

Pollak ainda nos traz os elementos que considera constitutivos da memória tanto individual quanto coletiva. Primeiramente, os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, os acontecimentos vividos “indiretamente”, ou seja, acontecimentos vividos pela coletividade do grupo a que a pessoa pertence ou até mesmo fatos que situam-se em outro espaço-tempo, sendo

perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada³⁹.

Esse aspecto, juntamente com o terceiro aspecto que vem a seguir, é de alta relevância para entender a formação de uma identidade de luta nos movimentos analisados na pesquisa.

37 PADRÓS, Enrique Serra [et. all] (orgs.). *A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória*. Porto Alegre: Corag, 2010. - v.2

38 POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

39 POLLAK, Michael. *Op. Cit.*, 1992

Tanto a memória de Emiliano Zapata no México quanto a de Tupak Katari na Bolívia são, de certa forma, memórias herdadas pelos componentes dos grupos. Em terceiro lugar, fazem parte da constituição da memória pessoas, personagens. A mesma situação do segundo elemento pode ser apresentada aqui, pois essas pessoas e personagens não necessariamente são contemporâneas do indivíduo ou grupo que constrói sua identidade em referência a eles. Por último, Pollak afirma que os lugares também são importantes componentes. São locais ligados a uma memória. O estado de Morelos, no México, onde Zapata nasceu e de onde liderou os camponeses da região pode ser um exemplo no caso do EZLN, assim como o estado de Aguascalientes, onde, no ano de 1914, ocorre a “Convenção Nacional Revolucionaria” que reunira as forças insurgentes da Revolução Mexicana e que, mais tarde, empresta seu nome para o EZLN intitular os espaços de discussão por ele criados em Chiapas. A cidade de La Paz (cercada por Katari durante sua rebelião), na Bolívia e a de El Alto (região de onde Katari comandou o cerco a La Paz) são os exemplos mais patentes para o caso do EGTK.

Quando tratamos de uma memória herdada pode-se dizer que há uma ligação muito mais próxima dessa com o sentimento de identidade. Para entender essa relação é necessário ter em mente que a identidade

é o sentido da imagem de si, para si, e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros ⁴⁰.

Nesse sentido, Pollak elenca três elementos essenciais na construção da identidade. O primeiro deles é a unidade física, que, em outras palavras, é a percepção de ter fronteiras físicas. Aqui nos interessa o sentido coletivo desse elemento, que é a noção de pertencimento a um grupo. Em segundo lugar, há a continuidade do tempo e em terceiro, o sentimento de coerência – que é a impressão de que os componentes que constituem o indivíduo estão fortemente unificados. Os três elementos descritos acentuam o forte papel da memória como fator de suma importância para a construção da identidade, já que ela influencia fortemente no sentimento de continuidade e de coerência.

Em função da abrangência de elementos que Pollak elenca para constituição de uma identidade, a pesquisa foca-se não somente em referências diretas às figuras de Emiliano

40 *Ibidem*, p. 5

Zapata (no caso do EZLN) e de Tupak Katari (no caso do EGTK) nas documentações. É necessário prestar atenção em elementos citados pelos componentes dos movimentos que tem relação com a memória e que, de alguma maneira, reforçam as identidades indígenas baseadas nos personagens históricos em questão.

Conforme já colocado, a metodologia empregada na pesquisa provém do campo da História Comparada. Para que a utilização desse método seja satisfatória, antes de qualquer coisa deve-se estabelecer a diferença entre História Comparada e o simples comparativismo histórico. José D'Assunção de Barros é claro ao explicar essa distinção:

‘Comparar’, ‘elencar semelhanças e diferenças’ e ‘estabelecer analogias’ são naturalmente ações tão familiares ao historiador como contextualizar os acontecimentos ou dialogar com suas fontes. Mas para falarmos em um ‘método comparativo’ é preciso (...) ultrapassar aquele uso mais próximo da intuição e da utilização cotidiana da comparação para alcançar um nível de observação e análise mais profundo e sistematizado, para o qual ‘o que se pode comparar’ e o ‘como se compara’ tornam-se questões relevantes, fundadoras de um gesto metodológico⁴¹.

Entendida essa diferença, devemos pensar em “O que se pode comparar?”. Para estabelecer os objetos a serem observados a partir de um estudo comparativo, Barros recorre a alguns requisitos elencados por Marc Bloch para a constituição de uma História Comparada que faça sentido. Dois aspectos irredutíveis devem ser levados em conta: deve haver certa similaridade nos fatos e também certa dessemelhança nos ambientes em que ocorrem esses fatos. Os motivos pelos quais os objetos de estudo aqui escolhidos podem ser analisados através da História Comparada serão tratados mais adiante no texto.

O “como comparar?” pode ser respondido a partir de dois caminhos, também proposto por Marc Bloch, que podem ser seguidos pelos historiadores dispostos a utilizar o método da História Comparada. O primeiro deles é a análise comparativa entre sociedades distantes no tempo e espaço; o segundo é a comparação entre sociedades com certa contiguidade no tempo e no espaço (a qual apresenta o conjunto de procedimentos adequado para estudar o problema de pesquisa em questão). Escolhido um desses caminhos, se deve ter em mente as formas de percorrê-lo. Em primeiro lugar, pode-se iluminar uma situação em parte desconhecida através de uma realidade melhor estudada, fazendo analogias e percebendo diferenças e semelhanças entre elas. Em segundo lugar, pode ser realizada a “iluminação recíproca” em que se esclarecem duas realidades desconhecidas “de modo a que

41 BARROS, J. *Op. Cit.*, p. 12

os traços fundamentais de um ponham em relevo os aspectos do outro”⁴². Pode-se, por último, analisar dois objetos dinâmicos em transformação, percebendo como os elementos sofrem mudanças a fim de achar um padrão de variação. O estudo comparativo realizado nessa monografia é feito através da primeira possibilidade exposta, já que o movimento dos indígenas mexicanos conta com uma atenção muito maior dos estudiosos do que a guerrilha boliviana inspirada em Tupak Katari. No entanto, ainda que tenhamos alguns trabalhos que analisam a apropriação feita pelo EZLN da figura de Zapata, essa temática da relação entre memória e identidade não é muito aprofundada tanto para o caso mexicano quanto para o caso boliviano, o que permite afirmar que a “iluminação recíproca” de que fala Barros, também fornece elementos importantes para essa análise.

Por fim, cabe ressaltar que um bom estudo de História Comparada deve contar com um problema, sem isso ela não passará de um simples comparativismo histórico. José D’Assunção de Barros justifica essa afirmação demonstrando que a História Comparada consiste

na possibilidade de se examinar sistematicamente como um mesmo problema atravessa duas ou mais realidades histórico-sociais distintas, duas estruturas situadas no espaço e no tempo, dois repertórios de representações, duas práticas sociais, duas histórias de vida, duas mentalidades, e assim por diante. Faz-se por mútua iluminação de dois focos distintos de luz, e não por mera superposição de peças⁴³.

1.2 Semelhanças e diferenças entre o Exército Zapatista de Libertação Nacional e o Exército Guerrilheiro Tupak Katari

Seguindo as diretrizes propostas por Barros, é necessário estabelecer quais são as semelhanças e diferenças entre o EZLN e o EGTK observados a partir da ótica da História Comparada, a fim de justificar a escolha dos dois movimentos como objetos de estudo para essa pesquisa.

As semelhanças entre os dois movimentos podem ser percebidas claramente. Primeiramente, devemos sublinhar que ambos são de caráter indígena. Essa característica aparece tanto na composição do movimento como também nas reivindicações expostas na documentação produzida por ambos. Ainda que a luta seja voltada para a mudança na situação dos povos autóctones dos dois países, tanto o EZLN como a luta armada dos

42 *Ibidem*, p. 10

43 *Ibidem*, p. 17

insurgentes bolivianos tem em sua constituição a presença de não indígenas (referidos como mestiços na bibliografia consultada). No caso dos zapatistas, a origem da guerrilha se encontra numa parcela de jovens que participavam de protestos estudantis no México ao final dos anos 1960. Após os conflitos entre o governo e os estudantes ocorridos na Praça das Três Culturas da Cidade do México em 1968 - resultando em morte de alguns militantes, há uma divisão nas lideranças estudantis. Segundo Emilio Gennari, alguns se integram ao sistema, outros se engajam em movimentos sociais e uma terceira parte passa a ter como opção de luta a guerrilha. Desses últimos, uma parcela de guerrilheiros estabelece que “sua luta não visa uma ação rápida que busca tomar o poder, mas sim ‘agir de acordo com as pretensões do povo, sem se importar o quanto isso demore’”⁴⁴. Dessa forma, em novembro de 1983, cinco guerrilheiros chegam à selva de Chiapas, dispostos a aprender a viver num ambiente montanhoso e hostil e a contatar as comunidades indígenas locais. A partir desse contato paulatinamente se estabelece um acordo entre as duas partes, no qual os guerrilheiros irão treinar os jovens dos povoados para defender-se das ações de alguns proprietários rurais da região e os indígenas fornecem suprimentos para a manutenção da vida na selva. Assim,

pouco a pouco, os indígenas se tornam maioria no interior do EZLN e isso começa a influenciar a sua vida interna. Na medida em que os contatos exigem que se aprenda a língua das várias etnias, os símbolos e os sentidos que estes têm na comunicação, os guerrilheiros percebem a necessidade de estabelecer um diálogo com as comunidades, com suas culturas milenares, suas formas de luta e sua organização comunitária⁴⁵.

Já para o caso do EGTK, percebe-se o encontro de dois grupos distintos, mas já previamente organizados para promover a luta armada. O primeiro grupo – e que acaba por ser mais influente no movimento – é de núcleo indígena, composto por camponeses aimáras e quéchuas, no qual se destaca a figura de Felipe Quispe como idealizador da luta armada indígena boliviana. O segundo grupo era composto por mestiços, jovens bolivianos que estudavam no México e foram influenciados pelas revoluções em curso na América Central (El Salvador, Guatemala e Nicarágua). A presença de alguns revolucionários salvadorenhos na Universidade Nacional Autônoma do México – onde muitos desses bolivianos estudavam – ajuda na formação política dos que iriam compor a vanguarda mestiça do EGTK. O grupo era integrado por Álvaro e Raúl Garcia Linera, Juan Carlos Pinto Quintanilla, Carlos Lara Ugarte, Raquel Gutiérrez e Fiorela Calderón (as duas últimas de nacionalidade mexicana).

44 GENNARI, Emilio. *Op Cit*, 2005, p.20

45 *Ibidem*, p.22

Fábiola Ezcárzaga descreve o início da atividade política desses jovens e suas influências teóricas:

Los jóvenes iniciaron su actividad política cada uno por su cuenta en diversas células salvadoreñas que trabajaban en México (...). Durante el año 1983 de manera paralela a su participación con distintos grupos salvadoreños crearon un círculo de estudios marxistas con otros bolivianos, salvadoreños y argentinos. Su preparación teórico-política consistió en la lectura de Marx y Lenin, el estudio de la historia boliviana y el seguimiento de los acontecimientos de su país en la prensa. Su acercamiento a la problemática indígena andina la hicieron a través de la lectura de Mariátegui, según Raquel Gutiérrez; y de Wankar, según Álvaro García⁴⁶

Entre os anos de 1983 e 1984, esses estudantes desembarcam na Bolívia e criam sua própria organização, chamada de Células Mineras de Base, voltada para discussões sobre a condição política do país e para a preparação da luta armada.

Em julho de 1985, a vanguarda mestiça é apresentada – por um indígena chamado Juan Rodríguez Guagamas – a um grupo de aimáras e quéchuas que tem como intenção iniciar a luta armada de caráter étnico a partir das organizações sindicais bolivianas. Esse grupo se intitulava Ayllus Rojos e inspirava-se no pensamento indianista⁴⁷. A principal liderança dentro do Ayllus Rojos era Felipe Quispe, sua proposta recuperava a figura de Tupak Katari, e sua rebelião entre os anos 1781 e 1783 para, a partir disso, formular uma estratégia de guerrilha em que a comunidade indígena é protagonista. Forma-se, a partir desse encontro, o Exército Guerrilheiro Tupak Katari, em que há uma clara divisão de trabalho: a vanguarda mestiça seria responsável por recrutar os trabalhadores das minas e das regiões urbanas, enquanto a vanguarda indígena tinha a missão de organizar e preparar as comunidades de indígenas rurais, através, principalmente, das organizações sindicais de camponeses bolivianos.

Em 29 de agosto de 1985, um episódio irá marcar uma mudança dentro do EGTK. Nesse dia o presidente Victor Paz Estensoro

lanza en su tercer período de gobierno el Decreto Supremo 21060 que privatiza la minería del estaño y relocaliza (despide) a 23 mil mineros de la

46 ESCÁRZAGA, Fábila. *El Ejército Guerrillero Tupak Katari (EGTK), la insurgencia aymara en Bolivia*, p.5

47 O pensamento indianista surge com as ideias de Fausto Reinaga e – a grosso modo – afirma que as categorias de classes ocidentalizadas (burguesia, proletariado e campesinato) não servem para explicar a realidade boliviana. Os que trabalham nas minas, nas fábricas, no campo são índios e eles não lutam por salários e muito menos por sua assimilação à sociedade branca e, sim, pela justiça racial, por sua liberdade.

Corporación Minera Boliviana (Comibol) la empresa estatal construida a partir de la nacionalización⁴⁸

A partir desse decreto, o proletariado mineiro se dissipa e irá dedicar-se a outras atividades econômicas (como a plantação de coca e o comércio informal na cidade de La Paz). Portanto, a medida de Paz Estensoro tem uma consequência direta nos planos do EGTK: o fim do trabalho de conscientização e preparação para a luta armada que a vanguarda mestiça fez com os mineiros bolivianos. O programa do movimento passa a voltar-se mais especificamente para a organização das comunidades indígenas com a intenção de promover a autodeterminação dos povos autóctones. De certa forma, a vanguarda mestiça é subordinada à vanguarda indígena e, como afirma Escárzaga,

era sobre todo la oportunidad de reconstruir una identidad indígena desenterrando su propia versión de la historia, reivindicando su herencia radical, afirmando su identidad indígena y organización comunal, su cultura y formulando a partir de estos elementos un proyecto futuro⁴⁹.

Ao tomar conhecimento da constituição das duas organizações guerrilheiras⁵⁰, pode-se notar a semelhança na sua composição (a presença de indígenas e não indígenas) e a semelhança na via escolhida para atingir seus objetivos (a luta armada). Ao mesmo tempo, observam-se também diferenças na maneira como se originam: o EZLN é construído lentamente através de uma ação conjunta entre dois grupos ainda não organizados para a luta armada, enquanto que o EGTK tem sua formação no encontro de dois coletivos com certa organização prévia e com caminhos distintos para se chegar ao objetivo da tomada de poder (a vanguarda mestiça apostando no trabalho com o proletariado urbano e mineiro, e a vanguarda indígena na preparação dos camponeses que compunham os sindicatos), mas que entendem que uma aliança entre suas correntes pode dar bons frutos ao processo revolucionário na Bolívia.

É necessário sublinhar outra diferença importante entre os objetivos e métodos de luta dos dois movimentos. Como já visto, as reivindicações de ambos são direcionadas, de modo geral, ao fim da opressão imposta aos indígenas do México e da Bolívia. No entanto, o objetivo final do EGTK difere-se do que o EZLN toma como um resultado satisfatório da

⁴⁸ ESCÁRZAGA, F. *El Ejército Guerrillero Tupak Katari (EGTK), la insurgencia aymara en Bolivia*, p. 6

⁴⁹ *Ibidem*, p. 7

⁵⁰ Para saber mais sobre a formação do EGTK consulte ESCÁRZAGA, F. *El Ejército Guerrillero Tupak Katari (EGTK), la insurgencia aymara en Bolivia*. Disponível em: www.pacarinadelsur.com/home/oleajes/441-el-ejercito-guerrillero-tupak-katari-egtk-la-insurgencia-aymara-en-bolivia. Uma noção mais ampla da montagem e manutenção do EZLN pode ser encontrada em GENNARI, Emilio. *Op. Cit.*, 2005.

sua mobilização. O grupo armado mexicano deixa claro desde sua primeira manifestação pública⁵¹ que a guerra que declaram contra o governo é em função da necessidade das comunidades indígenas manterem sua existência e impedir “el saqueo de nuestras [de suas] riquezas naturales en los lugares controlados por el EZLN”⁵². Além disso, o que os rebeldes mexicanos desejam obter – em última instância – é o reconhecimento do direito de “ser” indígena, entendido como a possibilidade de que os povos autóctones possam ter uma organização diferenciada – na qual seja possível decidirem por si mesmos os rumos que devem tomar, de acordo com as tradições e formas de sociabilidade presente nas suas comunidades ancestrais. Para isso, pedem a inserção do direito à autodeterminação na Constituição Política dos Estados Unidos Mexicanos e abrem diálogo com a sociedade civil e o governo em diversos momentos. Essa perspectiva fica clara em alguns trechos de documentos do movimento, como na *Cuarta Declaración de La Selva Lacandona*: “la única forma de incorporar, con justicia y dignidade, a los indígenas a la Nación, es reconociendo las características propias en su organización social, cultural y política”⁵³. E na *Quinta Declaración de la Selva Lacandona*:

[...] hoy volvemos a poner en primer lugar, por encima de nuestro sufrimiento, por encima de nuestros problemas, por encima de las dificultades, la exigencia de que reconozcan los derechos de los indígenas con un cambio en la Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos que les asegure a todos el respeto y la posibilidad de luchar por lo que les pertenece: la tierra, el techo, el trabajo, el pan, la medicina, la educación, la democracia, la justicia, la libertad, la independencia nacional y la paz digna⁵⁴.

O EGTK luta também pelo direito de autodeterminação dos povos indígenas bolivianos, mas a diferença básica em relação ao caso do EZLN é de que os guerrilheiros do país andino não mostram a tentativa de abrir diálogo com o governo para alcançar esse fim, muito pelo contrário, sua intenção é promover uma mudança estrutural, em que os indígenas irão estabelecer as novas leis da Bolívia. Felipe Quispe demonstra essa intenção em *Tupak Katari vuelve...carajo*:

Nosotros los nuevos Aymaras, Qhiswas [quéchuas], Tupiwarines y otros naciones autóctonas del Qullasuyu⁵⁵] vamos a tomar el poder político, con

51 EZLN, *Primera Declaración de la Selva Lacandona*, janeiro de 1994.

52 *Ibidem*, p.2

53 EZLN, *Cuarta Declaración de la Selva Lacandona*, janeiro de 1996, p. 3

54 EZLN, *Quinta Declaración de la Selva Lacandona*, julho de 1998, p.7

55 Marcelo Grondin define o Qullasuyu como o “território dos collas [aymarás] conquistada pelos incas” (GRONDIN, p.16). Já para Felipe Quispe o Qullasuyu é a pátria indígena tomada pelos colonizadores espanhóis e denominada pelos não índios de Bolívia.

la fuerza de las armas; a nuestros opresores les tocará obedecernos a nuestras leyes naturales [...]. Nuestras leyes no serán para esclavizar a los blancos, mestizos europeizados [...]. Pondremos la ley de igualdad de derechos para todos los que viven y trabajan en nuestra pátria Qullasuyu (Bolivia)⁵⁶

Portanto, o EGTK encara a luta armada como uma forma de tomada do poder, enquanto o EZLN mantém a luta armada como autodefesa para a conquista do direito à existência dos indígenas, ainda que o diálogo e a negociação assumam o papel central no modo de ação do grupo mexicano.

A última semelhança a ser considerada e também a mais relevante para os propósitos do trabalho aqui desenvolvido, é a de referência que as duas organizações fazem a personagens históricos. Emiliano Zapata e seus ideais de justiça social são recuperados e atualizados pelo EZLN de forma a – a partir de uma perspectiva de continuidade histórica – justificar a sua luta e reforçar a identidade do grupo. Da mesma maneira, ocorre a apropriação por parte do EGTK do personagem Tupak Katari, indígena aymara que apresenta posicionamentos radicais no programa social de sua rebelião, da qual o resultado principal seria a retomada do poder por parte dos povos autóctones e a eliminação das estruturas colonizadoras espanholas. É através do uso do passado desses dois líderes de movimentos populares que os guerrilheiros mexicanos e bolivianos podem colocar os indígenas, assim como outros grupos oprimidos, na posição de sujeitos da história e articular elementos de identidade, reforçando-a para mobilizar o grupo para a luta armada.

Cabe ainda neste espaço algumas ponderações em relação às fontes utilizadas. Os documentos consultados apresentam, da mesma maneira que os próprios movimentos, algumas diferenças entre si, bem como algumas semelhanças. De modo geral, é necessário ressaltar que a análise se baseou em comunicados e declarações oficiais, ou seja, em discursos escolhidos dentro da organização dos grupos guerrilheiros como os discursos que viriam a público para mostrar suas intenções. O limite imposto pelo caráter dessas fontes impede perceber os conflitos em torno da construção dos discursos que irão ser publicados representando a voz do EZLN e a voz do EGTK. No entanto, os pronunciamentos oficiais indicam qual a imagem que esses movimentos querem construir de si em relação aos outros, tornando-se importantes fontes para os problemas que envolvem memória e identidade.

56 QUISPE, Felipe. Guerra Revolucionaria de Ayllus (1781-1783). In: *Tupak Katari vuelve...carajo*. Ediciones Ofensiva Roja, 1988, pp. 151-152

As declarações da Selva Lacandona entre os anos de 1994 e 2001⁵⁷ de autoria da organização inspirada em Emiliano Zapata serviram como fontes para a pesquisa, bem como um comunicado do dia 6 de março de 2001⁵⁸, lido em público na cidade de Cuernavaca na província de Morelos, México – importante local de ação de Emiliano Zapata durante a Revolução Mexicana. Todos esses textos apresentam um discurso bem estruturado e em sintonia com os apelos da sociedade civil. Essa característica é ressaltada por Carlos Monsivais, que explica o impacto do surgimento do EZLN no México:

El Primer Manifiesto de la Selva Lacandona es dogmático a la antigua y no convence a nadie del atractivo de la vía armada ni de sus posibilidades siquiera remotas. Pero al difundirse los hechos se genera en México una corriente de comprensión. Es evidente la miseria totalizadora de los indios de Chiapas y del país entero.⁵⁹

Quando Carlos Salinas de Gortari (presidente mexicano em 1994) demonstra sua intenção de aniquilar os zapatistas, muitas pessoas saem às ruas no dia 8 de janeiro de 1994 para protestar e defender o diálogo do governo com o EZLN. Os rebeldes identificam nessa situação a oportunidade de fortalecer-se enquanto movimento, não abrindo mão da perspectiva de diálogo com o povo mexicano:

Es en la SOCIEDAD CIVIL, en quien reside nuestra soberanía, es el pueblo quien puede, en todo tiempo, alterar o modificar nuestra forma de gobierno y lo ha asumido ya. Es a él a quien hacemos un llamado en esta SEGUNDA DECLARACIÓN DE LA SELVA LACANDONA [...] ⁶⁰

A acessibilidade a essa documentação é facilitada, pois o EZLN disponibiliza todas as suas declarações e seus comunicados voltados ao público na internet. Assim, a palavra dos zapatistas pode chegar a qualquer lugar do mundo, tornando muito mais viável o trabalho de pesquisadores que tem como objeto de estudo esse movimento e permitindo que qualquer um conheça as causas pelas quais lutam no México.

O contrário se observa para o EGTK no que tange ao acesso de informações. Textos e artigos que versem sobre a luta armada boliviana foram encontrados de forma esparsa e em

57 Foram consultadas da primeira à quinta declaração da Selva Lacandona, bem como o documento *palabras del EZLN, el día 6 de marzo de 2001 en Cuernavaca, Morelos*, todos disponíveis em: www.palabra.ezln.org.mx

58 EZLN, *Palabras del EZLN, el día 6 de marzo de 2001 en Cuernavaca, Morelos.*, 2001 Disponível em: www.palabra.ezln.org.mx

59 MOSIVAIS, Carlos. La protesta popular en el México del neoliberalismo. In: MAYA, Margarita López (editora). *Lucha popular, democracia., neoliberalismo: protesta popular en América Latina em los años de ajuste*. Editorial Nueva Sociedad, 1999, pp.160-161

60 EZLN, *Segunda Declaración de la Selva Lacandona*, junho de 1994 p. 2.

pouca quantidade. Em relação à documentação, encontrou-se somente um comunicado desse grupo disponível na internet, intitulado *¿Qué busca el EGTK?*⁶¹. Essa dificuldade no acesso se explica também pelo fato de que a internet só passa ser acessível universalmente a partir da segunda metade da década de 1990 e o movimento boliviano é desbaratado em 1992. O livro *Tupak Katari vuelve...carajo*⁶² de Felipe Quispe que é considerado o documento de fundação do EGTK serviu como principal fonte sobre o grupo boliviano na pesquisa⁶³. O livro está composto por quatro partes: a primeira intitula-se *Guerra Revolucionaria de Ayllus, 1781-1783* e é uma exposição do levante de Tupak Katari, chamando a atenção às táticas de combate implementadas pelos indígenas participantes desse episódio; a segunda parte contém uma série de documentos e propostas políticas que a vanguarda indianista do EGTK apresentou nos congressos sindicais da FSUTCLP-TUPAK KATARI⁶⁴ e CSUTCB⁶⁵, além do voto resolutivo aprovado na COB⁶⁶ que reconhece o direito dos indígenas de criarem um Estado próprio, separado do Estado boliviano; a terceira parte traz a exposição de alguns princípios da filosofia e da religião cósmica aimára; finalmente, a quarta parte é composta por dois textos de preparação sindical: *¡Viva al Glorioso Tupakatarismo Revolucionario!* e *Boletín de Sindicalismo de Pakajaqis*. É importante notar que o livro de Quispe traz a visão da vanguarda indianista do EGTK, não sendo abarcadas nesse texto as formas de atuação da parte mestiça. Por outro lado, nesses escritos aparecem fortes referências a Tupak Katari que são articuladas de maneira a fortalecer a identidade indígena e que, portanto, servem aos propósitos estabelecidos por essa pesquisa.

Nesse primeiro capítulo, tratou-se de expor os conceitos teóricos de memória e identidade formulados por Michael Pollak e que foram aplicados na análise para entender a forma de utilização das figuras históricas de Emiliano Zapata e Tupak Katari por EZLN e EGTK, respectivamente, para fortalecer uma identidade que permita a mobilização para a luta. Além disso, a metodologia da História Comparada que fora empregada na monografia teve alguns de seus aspectos descritos com base no texto de José Assunção de Barros, como

61 EGTK, *¿Qué busca el EGTK?* Citado por: SALOMÓN, Jaime Iturri. *EGTK: La guerrilla aymara en Bolivia*. Ediciones Vaca Sagrada, 1992, La paz, Bolivia. E disponível em: <http://www.cedema.org/ver.php?id=1245>. Acesso em: 17/06/2013, às 12h24min.

62 QUISPE, Felipe. *Op. Cit.*

63 Após diversas tentativas sem sucesso de acesso a documentos do EGTK através de contato por e-mail com Felipe Quispe, o livro só pode ser consultado graças a colaboração de Fabíola Escárzaga que digitalizou e enviou por e-mail esse documento.

64 Federación Sindical Única de Trabajadores Campesinos de LaPaz “Tupak Katari”

65 Confederación Sindical Única de Trabajadores Campesinos de Bolivia

66 Central Obrera Boliviana

quais são os pré requisitos que devem ser cumpridos pelos objetos de estudo para que esse método tenha resultados satisfatórios. Justamente em função desses pré requisitos se fez necessário instituir algumas semelhanças e diferenças entre os dois movimentos a fim de justificar a viabilidade de comparação dos dois objetos. Por último, uma pequena explanação sobre o caráter das fontes utilizadas, também apresentando as analogias e dessemelhanças entre elas, para entendermos os limites e possibilidades que a documentação confere à pesquisa.

CAPÍTULO 2: Memória

Entender como as figuras históricas de Emiliano Zapata e Tupak Katari são apropriadas pelo EZLN e o EGTK, respectivamente, para estabelecer uma identidade que permita a mobilização para a luta armada implica pensarmos em quais são os referenciais ligados à memória desses dois personagens que os combatentes irão se remeter para atingir esse objetivo. Ainda que se possa perceber na documentação as referências diretas à memória de Zapata e à memória de Katari que os colocam como pontos de partida para a construção das identidades dos dois grupos (afinal de contas, os dois personagens emprestam seus nomes aos movimentos), não se pode ignorar a presença de elementos secundários de memória que ajudarão a constituir a imagem das organizações para si e para os outros.

Ao teorizar sobre o conceito de memória, Pollak demonstra que ela deve ser entendida não só como um fenômeno individual, mas como um fenômeno construído de forma coletiva e passível de sofrer alterações constantes⁶⁷. Em função dos objetos de pesquisa (o EZLN e o EGTK), esse aspecto coletivo e social é o mais relevante para compreendermos a recuperação de elementos da memória e suas reinterpretações para servirem como base das identidades forjadas pelos grupos guerrilheiros. Nesse sentido, dentre os elementos que Pollak considera constituintes da memória (acontecimentos vividos individualmente, acontecimentos vividos “por tabela”, personagens e lugares), o que assume papel de destaque maior é o dos acontecimentos vividos “por tabela”, ou seja, aqueles fatos que são experienciados pelo grupo ou pela coletividade e que a eles vem a somar-se inclusive os episódios que se situam fora do espaço-tempo da pessoa ou do grupo. Segundo Pollak, através da socialização tanto política quanto histórica a identificação de um grupo com certo passado se torna muito forte, resultando no que ele mesmo chamou de uma “memória quase que herdada”⁶⁸. Ao analisarmos os documentos produzidos tanto por EZLN quanto pelo EGTK se percebem aspectos que irão ao encontro da noção de que um passado distante pode marcar profundamente a identidade dos grupos.

O primeiro elemento a ser destacado nesse sentido é a intenção que ambos movimentos tem de se afirmarem como os verdadeiros herdeiros de Zapata e de Tupak

67 A teorização de Michael Pollak sobre os conceitos de memória e identidade fora descrita na parte 1.1 do capítulo 1 dessa monografia. Para uma noção mais ampla desses conceitos ver: POLLAK, Michael. *Op. Cit.*, 1992, p. 200-212

68 POLLAK, M. *Op. Cit.*, 1992, p. 2

Katari. A expressão mais clara da tentativa aparece na recuperação dos ideais desses dois personagens nas declarações de cada um dos grupos guerrilheiros. O EZLN insiste em pedir ao final de muitas de suas declarações “democracia, libertad y justicia”⁶⁹, demandas essas que guardam uma semelhança muito grande com as três palavras que aparecem ao final do “Plan de Ayala”⁷⁰: “Libertad, justicia y ley”. Essas expressões remetem-se a ideia de justiça social presente no pensamento de Zapata e justamente esse aspecto é destacado pelo movimento mexicano dos anos 90. Zapata e seus companheiros de luta exigem no “Plan de Ayala” o cumprimento da promessa que Francisco Madero havia feito de restituição de terras tomadas dos camponeses (em sua maioria indígenas) durante o governo de Porfírio Díaz (1884-1911). Francisco Madero era, à época da publicação do “Plan de Ayala”, o presidente do México, empossado pela chamada “revolução antirreelecionista” que havia dado fim a uma longa ditadura comandada por Díaz e fora liderada pelo próprio Madero. A promessa era parte integrante do chamado “Plan de San Luís Potosí”⁷¹ – um manifesto escrito por Madero antes de chegar ao poder e publicado em 5 de outubro de 1910 convocando o levante em armas e definindo as principais medidas a serem tomadas após o fim do “porfiriato”. Portanto a ideia presente no documento assinado por Emiliano Zapata é de que se faça justiça cumprindo uma das premissas que Madero idealizou para o México após a vitória de sua revolução. A justificativa para a indignação e o levante de Emiliano Zapata e seus companheiros está justamente no fato da promessa não cumprida. O “Plan de Ayala” afirma em seu quarto artigo:

La Junta Revolucionaria del E. de Morelos manifiesta a la nación bajo formal protesta: que hace suyo el plan de San Luis Potosí con las adiciones que a continuación se expresan en beneficio de los pueblos oprimidos y se hará defensora de los principios que defiende hasta vencer o morir⁷².

Salvador Rueda Smithers corrobora essa ideia em sua análise do “Plan de Ayala” afirmando que os zapatistas se

“descubrieran en realidad como cuerpo político preocupado por cuidar del orden social y, de hecho, promotores de la justicia como propósito de la

69 Essas três palavras de ordem fecham a Segunda, a Terceira e a Quinta Declaração da Selva Lacandona (da série de documentos consultados na pesquisa)

70 O “Plan de Ayala” é publicado em 25 de novembro de 1911 e tem sua autoria atribuída a Emiliano Zapata. O texto completo desse documento pode ser consultado em: WOMACK JR., John. *Zapata y la Revolución Mexicana*. Havana, Cuba: Editorial Ciencias Sociales, 2002, pp. 376-381.

71 O texto integral desse manifesto pode ser consultado em: www.bibliotecas.tv/zapata/1910/z05oct10.html. Acesso em: 14/06/2013, às 15h40min.

72 WOMACK JR., John. *Op. Cit.*, p. 378

Revolución. (...) La búsqueda por la justicia por medio de la obediencia a la ley fue el extraño destino de los zapatistas⁷³

Ao tornar pública sua existência em 1994, o EZLN recorre a um princípio previamente estabelecido pela Constituição dos Estados Unidos Mexicanos para justificar seu levante, destacando o artigo 39 dessa *Carta Magna*:

La soberanía nacional reside esencial y originariamente en el pueblo. Todo el poder público dimana del pueblo y se instituye para beneficio de éste. El pueblo tiene, en todo tiempo, el inalienable derecho de alterar o modificar la forma de su gobierno⁷⁴.

Com isso, o grupo guerrilheiro mexicano invoca o mesmo ideal de justiça social presente no “Plan de Ayala” que Emiliano Zapata assina em 1911: a própria lei justifica a rebelião do grupo. O EZLN abre diálogo com o governo e a sociedade para atingir seu objetivo de luta: o reconhecimento do direito à autodeterminação dos povos indígenas. Para obter esse reconhecimento, coloca-se em relevo outro aspecto que Emiliano Zapata destaca em seus ideais, o princípio de que não só com disparos de armas de fogo é feito o combate. A *Segunda Declaración de la Selva Lacandona* exprime essa ideia citando o próprio Zapata:

'... no son únicamente los que portan espadas que chorrean sangre y despiden rayos fugaces de gloria militar, los escogidos a designar el personal del gobierno de un pueblo que quiere democratizarse; ese derecho lo tienen también los ciudadanos que han luchado en la prensa y en la tribuna, que están identificados con los ideales de la Revolución y han combatido al despotismo que barrena nuestras leyes; porque no es sólo disparando proyectiles en los campos de batalla como se barren las tiranías; también lanzando ideas de redención, frases de libertad y anatemas terribles contra los verdugos del pueblo, se derrumban dictaduras, se derrumban imperios⁷⁵.

O EZLN baseia-se nessa passagem de um escrito de Zapata para justificar perante o público a possibilidade de luta também no campo das ideias, não somente através da ação armada. Como já visto anteriormente, o EZLN recebe o apoio da população mexicana que sai às ruas no dia 8 de janeiro de 1994, defendendo que o presidente Carlos Salinas Gortari dialogue com o EZLN, apoio esse que leva os zapatistas de Chiapas a fortalecerem-se enquanto movimento assumindo a sua disponibilidade de travar uma conversa com o

73 SMITHERS R., Salvador. Hacia la relectura del Plan de Ayala. In: ZAPATA, Édgard C. e GÓMEZ P. Francisco (compiladores). *A cien años del Plan de Ayala*. México: Ediciones Era, 2013, pp. 31-32

74 Citado por EZLN em *Primera Declaración de la Selva Lacandona*, janeiro de 1994 p. 1

75 Emiliano Zapata na voz de Paulino Martínez, Aguascalientes, México, 27 de octubre de 1914 citado por: EZLN, *Segunda Declaración de la Selva Lacandona*, junho de 1994, p.1

governo e justificando-a com base nas ideias de Emiliano Zapata. Na *Segunda Declaración de la Selva Lacandona* essa perspectiva fica clara:

El sectario supone, erróneamente, que el solo accionar de los fusiles podrá abrir el amanecer que nuestro pueblo espera desde que la noche se cerró, con las muertes de Villa y Zapata, sobre el suelo mexicano⁷⁶

Observa-se, portanto, a apropriação por parte do EZLN dos ideais de Emiliano Zapata para fundamentar sua luta. É importante sublinhar que essa retomada é uma reinterpretação e atualização, pois, apesar de terem elementos muito semelhantes, servem a objetivos distintos dos que pretendiam ser alcançados por Zapata e seus companheiros. Ao mesmo tempo, está expressa a característica comentada anteriormente de flutuação/mudança que a memória pode apresentar em função de demandas do tempo presente: o EZLN chega a declarar guerra contra o Estado mexicano em sua *Primera Declaración de la Selva Lacandona* (publicada em janeiro de 1994) baseando-se na justiça social e na luta armada de Zapata para justificar sua rebeldia, no entanto a partir da *Segunda Declaración de la Selva Lacandona* (em junho de 1994) percebe-se a relegação da luta através das armas como uma defesa e a perspectiva do diálogo vem à tona, a fundamentação dessa mudança de posição também é através do ideal de Zapata de que o combate é feito através de ideias, caracterizando uma alteração também na forma de apropriação da memória.

O EGTK, por sua vez, utiliza-se de referências a Tupak Katari para construir a memória de seu grupo guerrilheiro na Bolívia. Essa construção passa, da mesma forma que se observa para o EZLN, pela reinterpretação e atualização dos ideais de Katari para servirem a seus objetivos. No entanto, a apropriação pelos rebeldes bolivianos parece ter uma ligação muito mais estreita com o programa social estabelecido pelo indígena que se insurgiu entre 1780 e 1783.

Segundo Marcelo Grondin⁷⁷, Tupak Katari não deixara um texto que defina de forma sistemática o seu programa social, mas, ainda assim, é possível estabelecer – através de correspondências enviadas pelo indígena ao comandante espanhol Segurola, guardião da cidade de La Paz – cinco pontos que guiaram suas ações durante o levante. O primeiro deles é a demanda de supressão dos abusos cometidos pelas autoridades coloniais espanholas sobre os indígenas. Em linhas gerais, reivindicava-se o fim da exploração dos índios. Essa

⁷⁶ EZLN, *Segunda Declaración de la Selva Lacondona*, junho de 1994, p.5

⁷⁷ GRONDIN, Marcelo. *A rebelião camponesa na Bolívia*. Coleção Tudo é História, São Paulo: Brasiliense, 1984.

mesma demanda aparece no texto *Tupak Katari vive y vuelve... carajo* de Felipe Quispe para justificar a necessidade de uma luta de caráter autóctone: a opressão se mantém desde a época colonial, não mais pelas mãos dos colonizadores espanhóis, mas pelas mãos de seus descendentes:

[...] pero sus ideas y su pensamiento [de Tupak Katari] de la lucha armada de los pobres, no había muerto descuartizado, sino que ha perdurado en generaciones y generaciones en nuestra sociedad Aymara de donde hoy arranca y brota nuevamente el Aymarismo Rebelde de los oprimidos, explotados, discriminados racial, cultural, social, espiritual económica y políticamente por unos cuantos descendientes de los vice-godos, que se hacen los dueños de todo el poder político económico de nuestro país⁷⁸.

Os descendentes desses europeus são descritos como os q'aras⁷⁹ burgueses, identificados como os continuadores da exploração sobre os indígenas. Essa perspectiva fica clara ao observarmos um dos apelos que o EGTK faz aos que estão dispostos a lutar: “Reemplacemos las autoridades caducas, racistas y opresoras de los q'ara-burgueses, por el poder y las autoridades nombradas por la comunidad”⁸⁰. O segundo ponto se refere à forma de governo que Katari pretendia instituir. Grondin demonstra que a intenção era a criação de um Estado dirigido pelos indígenas, recriando, em certos aspectos, o Qullasuyu. Katari inclusive se autoproclama “vice-rei” (ou como prefere Quispe, “Mallku”⁸¹) e subverte a ordem colonial estabelecida. A construção de um Estado sob o comando indígena é também um objetivo presente nas reivindicações do EGTK, o grupo entende que somente assim pode ter fim a dominação e exploração sofrida pelos povos autóctones bolivianos:

Nosotros los nuevos Aymaras, Qhiswas, Tupiwaranies y otros naciones autóctonas del Qullasuyu vamos a tomar el poder político, con la fuerza de las armas; a nuestros opresores les tocará obedecernos a nuestras leyes naturales que vamos a dictar los motejados despectivamente indios [...]. Nuestras leyes no serán para esclavizar a los blancos, mestizos europeizados, como ellos produjeron las leyes para esclavizarnos inhumanamente, sino que nosotros lo pondremos la ley de igualdad de derechos para todos los que viven y trabajen en nuestra patria Qullasuyu (Bolivia)⁸².

78 QUISPE, Felipe. Guerra Revolucionaria de Ayllus (1781-1783). In: *Op. Cit.*, pp. 41-42

79 “Q'ara” - é uma palavra de origem aimára que, segundo Quispe, é usada para se referir, de forma depreciativa, à pessoa branca.

80 EGTK, *¿Qué busca el EGTK?* Citado por: SALOMÓN, Jaime Iturri. *EGTK: La guerrilla aymara en Bolivia*. Ediciones Vaca Sagrada, 1992, La paz, Bolivia. Disponível em:

<http://www.cedema.org/ver.php?id=1245>. Acesso em: 17/06/2013, às 12h24min.

81 Segundo o próprio Felipe Quispe: “Mallku – jefe aymara que gobierna una nación” (QUISPE, 1988, p. 14)

82 QUISPE, Felipe. Guerra Revolucionaria de Ayllus Rojos (1781-1783). In: *Op Cit.*, pp. 151-52

Como terceiro ponto do programa social de Katari, Grondin cita a eliminação dos não índios, porém essa eliminação não se produziria através somente da morte daqueles que não pertenciam aos povos originários. Marcelo Grondin explica que “Tupac Katari proclamou o desterro de todos os espanhóis, ou sua morte no caso de se oporem a isso, e a morte para os maus crioulos e mestiços”⁸³. Esse aspecto não é posto em relevo pelo EGTK. Apesar de serem os q'aras burgueses (descendentes dos espanhóis) identificados como seus principais inimigos, como visto na citação acima, o grupo boliviano não pretende proceder a morte dos não indígenas e nem a sua expulsão do país⁸⁴. Esta passagem coloca em evidência as transformações que a memória pode sofrer em função de imperativos do presente: o EGTK nem cogita a possibilidade de executar a expulsão e/ou morte dos não indígenas no contexto de sua luta, portanto não se inclui nas suas reivindicações esse caráter do programa de Tupak Katari, mostrando que a construção da memória do movimento em torno do líder aimára que se rebelara no período colonial passa por uma reinterpretação e uma atualização de seus ideais. O quarto fator elencado por Grondin como guia das ações de Katari é a promoção dos valores autóctones, o exemplo claro é que Katari implementou a língua aimára como obrigatória nas regiões onde seu poder se fortaleceu⁸⁵. Essa característica está presente em praticamente todos os escritos do grupo guerrilheiro boliviano do final da década de 80, a valorização da cultura indígena se faz de forma acentuada em várias situações. Um exemplo claro é uma das palavras de ordem presente no documento *¿Qué busca el EGTK?*: “Reemplacemos en cada comunidad la educación de los q'ara-burgueses, la cultura de los q'aras y la historia de los q'aras, por una educación al servicio de la comunidad”⁸⁶. Esse ponto específico é muito relevante para o EGTK, pois a ideia de criar um movimento que destaque a capacidade de ação dos indígenas bolivianos é muito patente, ainda que seja inevitável a influência do marxismo pela presença da vanguarda mestiça que, como vimos, baseou seus estudos nos escritos de Marx, Lenin, entre outros e pela própria experiência de Felipe Quispe que recebeu treinamento militar em Cuba durante um ano, após ter sido obrigado a sair da Bolívia em 1980 em função da repressão do governo ditatorial de Luis García Meza Tejada⁸⁷. Nesse sentido, no que tange à forma de luta de

83 GRONDIN, Marcelo. *Op. Cit.*, p. 72

84 Essa intenção também não é expressa no documento *¿Qué busca el EGTK?*

85 GRONDIN, Marcelo. *Op. Cit.*, p.73

86 EGTK, *Op. Cit.*

87 ESCÁRZAGA, Fabíola. *El Ejército Guerrillero Tupak Katari (EGTK), la insurgência aymara em Bolivia*, p. 4

Katari, Felipe Quispe trata de valorizar o fato de que essa sai das mentes dos índios aimáras e não é uma cópia de formas de luta ocidentalizadas:

[...] és el mismo camino de las armas que tomó resueltamente Katari, que es una fuente de inspiración que se transformó en un pensamiento de la violencia revolucionaria Comunitaria desde nuestras comunidades hacia las ciudades: esta lucha armada Aymara no es importada, no es foránea, es salida de la mente luminosa de nuestros grandes Awawt'as estrategos militares⁸⁸

É justamente essa estratégia revolucionária que Quispe e os indígenas do EGKT afirmam que deve ser recuperada pelo grupo guerrilheiro: “[...] marchemos a las ciudades a destruir los ricos, a quemar sus propiedades y a tomar en nuestras callosas manos, la conducción del país tal como había sido el sueño de nuestros mártires!”⁸⁹. As comunidades autóctones são valorizadas também por sua sociedade pré conquista espanhola, em que, segundo a vanguarda indígena do EGKT, havia mais igualdade e a opressão ainda não existia:

En esa época cuando en nuestras ancestrales Comunidades Aymares [sic], el hombre y la mujer vivian en un brillante sistema comunitario de 'AYLLUS' felices y contentos, porque no habia el hambre, ni la miseria. NI LA DISCRIMINACION RACIAL: TODOS TENIAN LAS MISMAS CONDICIONES DE VIDA [...]⁹⁰

O quinto e último aspecto do programa social de Katari que é recuperado pelo EGTK liga-se à questão religiosa. Grondin afirma que Katari não pretendia extinguir a religião católica, mas que foi severo ao julgar sacerdotes que colaboram para a exploração de indígenas, condenando diversos deles à morte. O EGTK não coloca a supressão da religião católica como um objetivo do movimento, porém observa-se uma oposição ao que Grondin nos informa em seus escritos, pois Felipe Quispe, ao explicar o programa de governo lançado pela revolta de 1781, coloca a proibição ao culto cristão como uma das medidas a ser tomada por Katari: “Prohibir el juramento cristiano y foráneo, por ser este el culto vil a la hipocresia, introducido por el enemigo invasor a sangre y fuego, con la cruz y la espada a nuestra patria ancestral y milenaria”⁹¹. Deve-se entender essa passagem à luz da intenção de Quispe e da vanguarda indígena de dar ao movimento um caráter exclusivamente indígena, valorizando a noção de que as formas de organização e de atuação do EGTK têm origem na teorização autóctone, sem influência ocidental. Como visto acima, essa versão se torna

88 QUISPE, Felipe. Guerra Revolucionaria de Ayllus (1781-1783). In: *Op. Cit.*, p. 5

89 QUISPE, Felipe. Propuesta de Tesis Política al III Congreso de la C.S.U.T.C.B.. In: *Op. Cit.*, 1988, p. 232

90 QUISPE, Felipe. Propuesta de Tesis Política al V Congreso de la F.D.U.T.C.L.P. “Tupak Katari”. In: *Op. Cit.*, 1998, p. 247

91 QUISPE, Felipe. Guerra Revolucionaria de Ayllus (1781-1783). In: *Op. Cit.*, 1988, p. 38

praticamente insustentável se levamos em conta a participação da vanguarda mestiça no movimento, ainda que esse exército guerrilheiro ponha em relevo o protagonismo dos povos autóctones como atuantes na construção de um projeto diferente de nação. Essa utilização da memória é expressiva da sua construção, que como já salientado anteriormente, sofre alterações, flutuações em função da demanda do movimento, por isso a disparidade entre a versão apresentada pelo estudioso Marcelo Grondin e pelo ideólogo do EGTK, Felipe Quispe.

As referências que ambos os movimentos fazem a esses acontecimentos fora de seu espaço-tempo assumem um sentido maior quando percebemos que tanto EZLN quanto o EGTK inserem suas lutas numa perspectiva temporal de continuidade, tornando esse passado distante um pouco mais “próximo” de seus componentes e justificando, a partir dele, as suas reivindicações. São três as formas em que se manifesta essa intenção dos grupos nas documentações consultadas: 1) expressões utilizadas pelos movimentos; 2) a autoprocamação como herdeiros dos oprimidos; e 3) o uso da História.

2.1 Expressões

Em relação as expressões, observa-se a semelhança entre os dois movimentos ao referir-se em que momento se inicia a opressão e exploração dos povos autóctones em cada um de seus países. Em sua *Cuarta Declaración de la Selva Lacandona*, o EZLN utiliza-se da expressão “la larga noche de los 500 años”:

Techo, tierra, trabajo, pan, salud, educación, independencia, democracia, libertad, justicia y paz. Estas fueron nuestras banderas en la madrugada de 1994. Estas fueron nuestras demandas en la larga noche de los 500 años. Estas son, hoy, nuestras exigencias⁹².

O EGTK, por sua vez, fala de “500 años de esclavitud” sofridos pelos indígenas bolivianos:

[...] desde hace 500 años, hemos servido de 4 patas, como animales de carga; 500 años han estado cabalgando sobre nuestros lomos; 500 años hemos trabajado em los trabajos más forzados, hemos sido sumisos a sus leyes, hemos obedecido humildemente a su sistema capitalista sojuzgador y discriminador al indio⁹³.

A intenção dos grupos guerrilheiros é destacar que a exploração da qual ainda são vítimas começa há quinhentos anos, quando da chegada do colonizador europeu à América. Na

⁹² EZLN, *Cuarta Declaración de la Selva Lacandona*, janeiro de 1996, p. 2

⁹³ QUISPE, Felipe. Guerra Revolucionaria de Ayllus (1781-1783). In: *Op. Cit.*, 1988, p. 151

visão do EGTK, há um momento de esperança para os oprimidos em meio a esses quinhentos anos de opressão, justamente quando Tupak Katari resolve rebelar-se contra as autoridades espanholas, porém com a sua morte, a nação aimára cai em desgraça novamente: “Desde esse día caímos nuevamente como nación Aymara oprimida, explotada, discriminada racial, social, cultural, espiritual, política y economicamente; que padecemos hasta nuestros días [...]”⁹⁴. O mesmo identifica-se para o EZLN que enxerga na morte de Emiliano Zapata o momento em que a “noite” se fecha de vez:

El sectario supone, erróneamente, que el solo accionar de los fusiles podrá abrir el amanecer que nuestro pueblo espera desde que la noche se cerró, con las muertes de Villa y Zapata, sobre el suelo mexicano⁹⁵.

2.2. Herança de opressão e herança de luta

A autoproclamação de ambos os grupos como herdeiros dos que sempre foram oprimidos em seus países também é um aspecto que contribui para a posição de sua luta em uma perspectiva de continuidade temporal. Essa forma de se utilizar da memória está ligada diretamente com o caráter indígena dos movimentos, pois os explorados são e continuam sendo, em sua maioria, os povos autóctones. O EZLN chama a atenção de toda a nação mexicana ao escancarar as condições precárias de vida dos índios de Chiapas e afirma que esse estado em que se encontram é fruto de uma opressão que dura há muito tempo:

[...] el EZLN se vio obligado a llamar la atención nuevamente de la Nación sobre las graves condiciones de vida indígena mexicana, especialmente de aquellos que se suponían que ya habían recibido el apoyo gubernamental y, sin embargo, siguen arrastrando la miseria que heredan, año con año, desde hace más de 5 siglos⁹⁶.

Os despossuídos são também os verdadeiros heróis do México por resistirem à opressão durante quinhentos anos, e é desse acúmulo de experiência que resulta o EZLN:

Somos producto de 500 años de luchas: primero contra la esclavitud, en la guerra de Independencia contra España encabezada por los insurgentes, después por evitar ser absorbidos por el expansionismo norteamericano, luego por promulgar nuestra Constitución y expulsar al Imperio Francés de nuestro suelo, después la dictadura porfirista nos negó la aplicación justa de leyes de Reforma y el pueblo se rebeló formando sus propios líderes, surgieron Villa y Zapata, hombres pobres como nosotros a los que se nos

⁹⁴ *Ibidem*, p. 113

⁹⁵ EZLN, *Segunda Declaración de la Selva Lacandona*, junho de 1994, p. 5.

⁹⁶ EZLN, *Tercera Declaración de la Selva Lacandona*, janeiro de 1995, p. 3

ha negado la preparación más elemental para así poder utilizarnos como carne de cañón y saquear las riquezas de nuestra patria [...]”⁹⁷.

Da mesma maneira, os indígenas bolivianos são para o EGTK aqueles que sempre foram oprimidos, mas também os verdadeiros heróis de seu país, pois apesar de “la humillación y el desprecio [...] a los pobres y Aymaras [que] continúa como en la época de la Colonia”⁹⁸, conseguem manter suas tradições vivas:

[Bolívia] se encuentra compuesta por varias naciones autóctonas, con su propia historia, territorio, cultura, idioma, religión, tradiciones, leyes naturales, hábitos y costumbres comunitarios que todavía sobreviven en nuestras comunidades, pese a las arremetidas tanto de la colonia, de la República y de la Reforma Agraria burguesa⁹⁹

Para deixar claro que a ligação existente entre os indígenas de ontem e os daquele momento, Felipe Quispe insiste em destacar que aqueles que lutaram ao lado de Tupak Katari (assim como o próprio personagem que dá nome ao EGTK) são seus avós: “Nuestros abuelos de ayer, ¿que hicieron? Frente a toda clase de abusos y azotes españoles, sencilla y llanamente respondieron con la violencia armada”¹⁰⁰. Esses antepassados não hesitaram em atender ao chamado de Katari para rebelar-se contra os abusos espanhóis: “Al llamado de Tupak Katari, nuestros abuelos se levantan organizadamente en armas en todas partes en las haciendas, minas y obrajes”¹⁰¹. E da mesma forma devem agir os indígenas do momento em que surge o EGTK, mantendo a luta iniciada durante o período colonial:

Aqui hay que señalar sobre la bandera roja de nuestros abuelos los que han enarbolado en esta Guerra: hoy en día nosotros reivindicamos la misma bandera de Guerra de color rojo de nuestra sangre y con ella en alto, vamos a combatir a los descendientes de los colonizadores serviles del Imperialismo¹⁰²

2.3 O uso da História

O terceiro aspecto pelo qual podemos perceber a inserção numa perspectiva temporal larga das demandas das duas guerrilhas é o uso da História. Ao evidenciar os elementos que compõe a memória tanto do EZLN quanto do EGTK, o passado e a maneira como os grupos se apropriam dele assumem um papel central, demonstrando a visão que os indígenas tem de

97 EZLN, *Primera Declaración de la Selva Lacandona*, janeiro de 1994, p. 1

98 QUIPSE, Felipe. Tesis Política de la F.D.U.T.C.L.P. “Tupak Katari” aprobada en IV Congreso. In: *Op. Cit.*, 1988, p.181

99 QUISPE, Felipe. Guerra Revolucionaria de Ayllus (1781-1783). In: *Op. Cit.*, 1988, p. 153

100 *Ibidem*, p. 17

101 *Ibidem*, p. 40

102 *Ibidem*, pp. 93-94

sua história. Ainda que se caracterizem por uma visão parcial, ou seja, que não expressem a opinião de todos os índios mexicanos (para o caso do EZLN) ou de todos os índios bolivianos (para o caso do EGTK), esses textos têm indígenas como seus autores que se preocuparam em dar voz à sua perspectiva da história de seus povos e de seus países. A presença da história revela-se, então, em diversos trechos citados até agora nesta monografia, mas com que intenção os grupos utilizam a história em seus textos? Primeiramente, vemos o passado sendo reivindicado pela busca por legitimidade de sua luta. Como vimos, os grupos se dizem os herdeiros dos oprimidos, dando a entender que a exploração ainda continua presente sobre os mesmos grupos sociais de antigamente, por esse motivo a luta de ambos os movimentos não pode ter fim até que essa situação acabe. Por parte do EGTK, percebemos ao começo de suas *Tesis políticas* uma reconstituição da história da Bolívia com a intenção de demonstrar como o indígena, principalmente a etnia aimára, sofrera ao longo dos anos com a exploração econômica, cultural e a opressão racial. *A Tesis Política de la F.D.U.T.C.L.P. “Tupak Katari” aprobada en el IV Congreso* inicia-se com o tópico *Antecedentes Históricos* onde aparecem vários períodos da história boliviana: *La invasión española, La independencia de Bolívia, La Guerra del Chaco, La Revolucion del 9 de Abril de 1952 e Los gobiernos militares*. Em todas essas passagens os argumentos são no sentido de explicitar como os povos autóctones foram desprezadas pelas elites e acabaram prejudicados seja em relação à sua exploração como mão de obra barata, seja na extração de seus recursos naturais e suas terras em nome dos ganhos dessa elite. Por exemplo, ao tratar de período de independência da Bolívia, em que há uma mudança na organização política, o texto afirma que a república começa “bajo la dirección de los terratenientes feudales”¹⁰³ e esses não se mostram preocupados em acabar com a condição servil do índio, cerceando suas liberdades: “Ante cualquier asomo de rebeldía o desobediencia se aplicaban castigos físicos como el azote y si este no era suficiente, estaba encima todo el aparato represivo del Estado para castigar ejemplarmente al INDIO-SIERVO”¹⁰⁴. Ao mesmo tempo que fica explícita a opressão que é imposta aos indígenas através dos séculos, ressalta-se também que a história desses é também de resistência e de luta, não podendo os autóctones do momento em que surge o EGTK desrespeitarem a memória de seus antepassados e redimir-se perante os inimigos contemporâneos: “[...] a sus continuadores y seguidores de Tupak Katari que habemos rescatar de lleno su programa de

103 QUISPE, Felipe. *Tesis Política de la F.D.U.T.C.L.P. “Tupak Katari” aprobada en IV Congreso*. In: *Op. Cit.*, 1988, p. 170

104 *Ibidem*, p. 171

lucha y mantener con la misma posición revolucionaria [...]”¹⁰⁵. A história desses povos oprimidos se propõe, assim, a justificar que a rebeldia indígena tem motivos para existir, ou seja, ao lado dos guerrilheiros caminha uma de suas principais armas: a razão.

A mesma intenção é encontrada nos textos do EZLN. A condição de explorados dos indígenas são destacadas, como vimos, de maneira a ressaltar que ela existe há quinhentos anos. A luta do EZLN é por respeito à sua história e, ao mesmo tempo, é justamente essa que justifica e legitima suas ações perante os próprios componentes da guerrilha e a sociedade mexicana:

En nosotros encuentra, otra vez, lugar la historia de lucha digna de nuestros antepasados. El grito de dignidad del insurgente Vicente Guerrero, "Vivir por la Patria o Morir por la Libertad", vuelve a sonar en nuestras gargantas. No podemos aceptar una paz indigna¹⁰⁶.

A razão, alicerçada na História, está ao lado dos guerrilheiros mexicanos também:

No nos alzamos y nos hicimos rebeldes por creernos más fuertes y poderosos. Nos levantamos en demanda de democracia, libertad y justicia porque tenemos la razón y la dignidad de la historia de nuestro lado¹⁰⁷.

A história, então, serve também como guia para as ações de ambos os movimentos. No entanto, observa-se uma diferença, nesse aspecto, entre os dois grupos, em função das formas escolhidas para chegar à conquista de seus objetivos. Enquanto o EZLN aceita, a partir de um certo momento¹⁰⁸, o diálogo e a negociação com as autoridades (sem abrir mão das armas de fogo, mas como meio de defesa), o EGTK entende que na Bolívia do final dos anos 1980, somente a tomada de poder através da luta armada revolucionária garantiria a autodeterminação dos povos autóctones bolivianos. Assim, o movimento mexicano clama pela sobrevivência de sua história e de sua palavra: “Para el poderoso nuestro silencio fue su deseo. Callando nos moríamos, sin palabra no existíamos. Luchamos para hablar contra el olvido, contra la muerte, por la memoria y por la vida. Luchamos por el miedo a morir la muerte del olvido”¹⁰⁹. Nesse diálogo com as autoridades, qualquer proposta que mostre o desrespeito a essa história reivindicada pelo EZLN, não será aceita: “Cualquier reforma que pretenda romper los lazos de solidaridad históricos y culturales que hay entre los indígenas,

105 QUISPE, Felipe. Guerra Revolucionaria de Ayllus (1781-1783). In: *Op. Cit.*, p. 76

106 EZLN, *Segunda Declaración de la Selva Lacandona*, junho de 1994, p. 4

107 EZLN, *Quinta Declaración de la Selva Lacandona*, julho de 1998, p. 6

108 Como explorado no capítulo 1 desta monografia, o EZLN passa a aceitar a perspectiva de diálogo com o governo mexicano ainda em 1994, a partir das manifestações da sociedade civil em apoio às suas reivindicações e contra as intenções de extermínio do movimento por parte do presidente Carlos Salinas de Gortari.

109 EZLN, *Cuarta Declaración de la Selva Lacandona*, janeiro de 1996, p.3

está condenada al fracaso y es, simplemente, una injusticia y una negación histórica”¹¹⁰. O EGTK, através da voz de Quispe, entende que a história tem suas lições que demonstram, em primeiro lugar, que os homens que lutam por liberdade sofrem consequências devastadoras, e isto fica claro quando se comenta a morte de Tupak Katari, que foi executado pelos espanhóis de forma brutal, em que se amarraram as quatro extremidades de seu corpo a quatro cavalos que correram em direções distintas, esquartejando o líder indígena¹¹¹:

[...] como la historia y la experiencia nos señala y nos enseña que el hombre revolucionario, por reclamar con las armas en las mano la justicia y la libertad, muere descuartizado y despedazado, y sus cenizas son arrojadas a los 4 vientos [...] ¹¹²

É chegado o momento de alterar essa situação, e o caminho a ser traçado para que isso se concretize, do ponto de vista do grupo guerrilheiro boliviano, também é encontrada na sua história:

La historia, el pasado, nos enseñan y demuestran los hechos en verdad; que las naciones aymaras debemos militar sobre las tradiciones de nuestros líderes y caudillos, Tupak Katari, Bartolina Sosa, Zárate Willka y otros. Estos jamás han participado del gobierno de los invasores, ni de sus costumbres; jamás han servido de administradores a los ricos, esto está claro¹¹³

O ideal de luta armada para a tomada do poder, sem a perspectiva de diálogo com os governantes – diferente do encontrado no discurso do EZLN – é recuperado no passado para justificar o emprego desse meio para a concretização de suas demandas. O uso da história é, dessa forma, um dos pontos centrais na reivindicação da memória tanto para o EZLN, quanto para o EGTK, pois ocupa um espaço na argumentação como legitimadora da luta de ambos os grupos e, concomitantemente, serve de base para as suas ações, já que os antepassados e suas formas de combate à opressão são recuperados para traçar as estratégias dos rebeldes contemporâneos. Em função disso, EZLN e EGTK não podem deixar que sua história seja esquecida e apagada a fim de manter a continuidade no tempo, a aproximação dos seus ideais e de seus próprios integrantes com o passado, dando coesão à identidade do grupo¹¹⁴. A luta dos dois movimentos é, também, pela história e contra o esquecimento,

110 EZLN, *Quinta Declaración de la Selva Lacandona*, julho de 1998, p.5

111 GRONDIN, Marcelo. *Op. Cit.*, p. 80

112 QUISPE, Felipe. Guerra Revolucionaria de Ayllus (1781-1783). In: *Op. Cit.*, 1988, p. 3

113 QUISPE, Felipe. Viva al glorioso tupakatarismo revolucionario. In: *Op Cit*, 1988, p. 306

114 A coesão, fornecida pelos elementos da memória e suas relações com o passado, necessária à construção das identidades dos grupos será tratada mais adiante no capítulo 3.

expressa na frase que o EZLN traz, mas que poderia muito bem ser encontrada no texto do EGTK: “Nuestra lucha es por la historia, y el mal gobierno propone olvido”¹¹⁵

2.4 Disputa de memória

A inserção numa perspectiva temporal larga da luta dos dois movimentos passam pelas três formas destacadas acima de recuperação de acontecimentos fora do espaço-tempo dos componentes dos grupos. Essa ideia leva a entender também os rebeldes mexicanos e bolivianos como continuadores das obras de seus heróis. Cabe avaliar o elemento mais exposto e central na construção das memórias de EZLN e EGTK: os personagens, afinal de contas são eles (Emiliano Zapata para o caso mexicano e Tupak Katari para o caso boliviano) que emprestam seus nomes para os grupos analisados nesta monografia e, como explicitado no início desse capítulo, é em torno de seus ideais que irão se estruturar. Nesse aspecto, devemos destacar o caráter de disputa que se estabelece em torno da memória dos dois personagens.

O conceito de “memórias subterrâneas” teorizado por Michael Pollak (e exposto no capítulo 1 dessa monografia), entendido sempre em oposição à “memória oficial”, fornece um importante aparato para ser aplicado às disputas que ocorrem em torno da memória de Emiliano Zapata, para o caso mexicano e da memória de Tupak Katari (para o caso boliviano). Segundo Daniela Albarrán, o mito de Zapata inicia-se com sua morte, os camponeses e os revolucionários zapatistas de Morelos não aceitavam a morte da luta por justiça social e pela restituição das terras, devendo manter a memória de seu mártir viva¹¹⁶. A partir disso, Albarrán afirma que o Estado mexicano se apropria desse mito criado pelos populares para constituir uma memória oficial que legitimasse a autoridade política estabelecida. Assim, a partir do governo de Álvaro Obregón, que em 1920 recupera a figura de Emiliano Zapata comemorando datas importantes relacionadas à trajetória do revolucionário mexicano, os governantes mexicanos passam a consolidar Zapata como um herói nacional, porém apagando com a memória oficial o que Albarrán chamou de “essência zapatista”:

Pensamos que el objetivo del Estado era borrar de la memoria colectiva la esencia zapatista. Buscaba imponer un olvido. Es decir, impedir que se

115 EZLN, *Cuarta Declaración de la Selva Lacandona*, janeiro de 1996, p.2

116 ALBARRÁN, Daniela. *Op. Cit*, p. 2

trasmítiera una memoria del zapatismo rebelde, radical, que peleaba permanentemente contra un sistema de opresión y de injusticias¹¹⁷

O que o EZLN propõe é a recuperação desse elemento que o Estado mexicano apaga da memória de Emiliano Zapata, apropriando-se de alguns aspectos originais da luta de Zapata que são reconstituídos e sofrem mudanças de sentido em função das demandas do presente, explicitando as flutuações que sofre a memória em sua construção. A intenção é contrapor-se ao caráter opressor, destruidor e uniformizador da memória oficial em um momento de conflito, assim recolocando em foco a história dos marginalizados, a história dos oprimidos. Portanto, pode-se falar de uma memória subterrânea para o caso da recuperação do passado feita pelo EZLN. A ligação estabelecida com a figura de Emiliano Zapata, intitulado o general supremo do próprio grupo guerrilheiro mexicano dos anos 1990, torna-se tão forte, ao longo do tempo de duração do movimento, que em 2001, a delegação do movimento quando de sua visita à cidade de Cuernavaca, no estado mexicano de Morelos, fala como intermediário de um comunicado que o próprio Zapata gostaria de fazer à população da região:

Es un honor para esta delegación poner el pie en estas tierras de historia y dignidad. hemos venido porque nos han encargado traerles una carta que les manda mi general Emiliano Zapata Salazar, general en jefe del ejército libertador del sur y mando supremo del ejército zapatista de liberación nacional¹¹⁸.

Esse excerto explicita a reivindicação de verdadeiros herdeiros de Zapata feita pelos zapatistas dos anos 1990 em oposição à memória coletiva nacional construída pelo Estado mexicano, na qual suprime-se o caráter rebelde da luta do personagem em questão. Segundo a delegação do EZLN, Zapata está presente entre os rebeldes do EZLN, não está morto e ainda instrui o movimento de Chiapas. É o próprio Zapata (falando através do EZLN) que afirma isso:

En el tiempo que he estado con ellos, les he contado sobre cómo en morelos nos organizamos para luchar por nuestros derechos, sobre nuestra indignación cuando alguien es vejado y maltratado, sobre el apoyo que siempre brindamos a quienes así lo requieren, y sobre nuestra historia. Les conté, por ejemplo, cómo me escapé de la traición de chinameca y me fui a recorrer la patria para ver que nuestros ideales se cumplieran. Sabedor estaba yo de que no sería fácil y que iba a tomar su tiempo, así que me di a la tarea de buscar quién podría retomar nuestras banderas y no arriarlas por

117 *Ibidem*, p. 4

118 EZLN, *Palabras del EZLN día 6 de marzo del 2001 en Cuernavaca, Morelos*, 2001, p. 1

causa del miedo o de unas cuantas monedas¹¹⁹.

Por esse trecho, pode-se perceber que o EZLN recria a palavra de Emiliano Zapata para afirmar que são os escolhidos por seu grande herói como continuadores de sua obra, dando a entender, dessa forma, que são eles os verdadeiros herdeiros da luta desse líder popular da Revolução Mexicana e que a sua memória de luta que deve ser recuperada, ao contrário da maneira que procede o Estado mexicano ao construir a memória coletiva nacional.

O EGTK e a sua construção de memória baseada em Tupak Katari também pode ser entendida como uma memória subterrânea. No entanto há uma diferença em relação à disputa que se estabelece entre essa memória subterrânea e a memória oficial coletiva. Não se encontraram evidências nem menção em nenhum texto da bibliografia consultada de que há uma intenção do Estado de apropriar-se da figura de Tupak Katari para a constituir a memória nacional. Licio Romero Costa, ao falar da importância da figura de Katari para os movimentos sociais bolivianos da segunda metade do século XX, elucida um pouco essa questão:

Movimentos como esse [a rebelião de Tupak Katari] marcaram profundamente o imaginário social dos grupos étnicos do altiplano andino, que por diversas vezes fizeram-se valer de seus exemplos e dos ideais de auto-afirmação e autonomia. Esses processos de emergência étnico-originária se impõem de tempos em tempos, apesar das fortes pressões liberais defendendo a incorporação subalterna do indígena à nação boliviana¹²⁰

A partir dessa tentativa, ao longo do tempo, de incorporação subalterna das populações indígenas à nação boliviana de que fala Costa, pode-se inferir que não era interessante para o Estado boliviano (antes da ascensão de Evo Moráles à presidência, em 2006) promover a figura de um indígena como herói nacional¹²¹. Essa interpretação se reforça por uma das

119 *Ibidem*, p. 2

120 COSTA, Lício Romero. A importância da figura de Tupak Katari para os movimentos indigenistas bolivianos na segunda metade do século XX – *XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo: 2001, p. 10 Disponível em:

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300935683_ARQUIVO_ArtigoANPUHNacional2011-LicioRomeroCosta.pdf.

121 Mesmo com a Revolução de 1952 na Bolívia, que beneficiou muitos indígenas a partir da extinção da “pongueaje” (prestação de serviços gratuitos dos indígenas na propriedade de grandes senhores), do incentivo governamental a uma reforma agrária promovida por milícias camponesas e da nacionalização de atividades mineradoras, a identidade étnica foi combatida pelo Estado em prol de valores ligados à classe social. Como comenta Maurício Santoro Rocha (ROCHA, 2006), a intenção era a modernização política e econômica, onde os senhores rurais se converteriam em burgueses e os indígenas seriam assimilados à lógica ocidentalizada através da mestiçagem, da educação e da migração para os centros urbanos.

demandas do EGTK: “Reemplacemos los símbolos patrios y opresores de los q'araburgueses por nuestros propios símbolos nacionales Aymaras y Qhiswas”¹²². Ou seja, o grupo boliviano pretende substituir os símbolos nacionais escolhidos por seus inimigos por outros que traduzam a identidade dos grupos étnicos indígenas bolivianos. O confronto da memória subterrânea construída pelo EGTK em relação à memória oficial não se trava, portanto, em torno da figura de Tupak Katari, mas em torno da ausência nesta última de elementos que recordem a história dos povos autóctones. Ainda assim, o EGTK se reivindica como o movimento que é continuador da obra de Tupak Katari, colocando seus componentes como os verdadeiros herdeiros do líder indígena e de seus ideais. Percebe-se uma disputa em torno da figura de Katari em relação a outros grupos que também se dizem kataristas, porém que apresentam outras formas de atuação distintas daquela pregada pelo EGTK. Felipe Quispe os define:

[...] traidores han sido y son como diputados indios en el Parlamento burgués, disfrazados con ponchos y ch'ullus, representando a la inmensa masa Aymara Qhiswa. Pero estos buitres, el sagrado nombre del Mallku Tupak Katari, han utilizado como un trapo sucio para limpiar sus curules parlamentarios de los terratenientes, empresarios y otros chupasangres extracontinentales¹²³

O que legitima, segundo o movimento boliviano, sua posição como verdadeiros herdeiros de Katari, em oposição aos “traidores” descritos por Quispe, é a sua continuação da luta armada revolucionária, sem apelar para perspectiva de diálogo, pois essa seria uma deturpação do pensamento tupakatarista:

[O] verdadero pensamiento de Tupak Katari, que no hacia una politica barata y baja, no fue pacifista, dialoguista, legalista, ni parlamentarista; en ningún momento ha participado como representante en el Cabildo español, ni en los Consejos de Indias¹²⁴.

É papel do EGTK e dos novos aimáras e quéchuas cumprir a promessa que Tupak Katari teria feito pouco tempo antes de morrer, como nos informa Quispe:

Tupak Katari, antes de ser atado con las fuertes sogas a las sinchas de los 4 caballos de carreras importados desde Tucumán, pronunció estas proféticas palabras en Aymara: [...] 'A mi sólo me matareis, Volveré y seré millones'¹²⁵

122 EGTK, *¿Qué busca el EGTK?* Citado por: *Op Cit*, 1992.

123 QUISPE, Felipe. Guerra Revolucionaria de Ayllus (1781-1783). In: *Op. Cit*, 1988, p. 6

124 *Ibidem*, p. 6

125 *Ibidem*, p. 116.

A morte de Katari não pode ser em vão e para chamar a atenção para essa orientação, Quispe remete-se mais uma vez às supostas palavras do líder indígena:

estamos cumpliendo las palabras de Katari: 'Volveré y seré millones, es por eso que hoy en día el 'Tupakatarismo' revolucionario crece y se fortalece en nuestras comunidades ancestrales. Nuevamente nos levantamos como un sólo hombre y sobre un pensamiento y acción revolucionaria tuapakatarista contra el colonialismo y el imperialismo gringo opresor [...]'¹²⁶

Ao analisar-se a disputa das memórias subterrâneas dos dois movimentos com a memória oficial, explicita-se uma diferença básica, como visto: o EZLN disputa com o Estado mexicano a apropriação da figura de Zapata, opondo-se ao esquecimento de demandas rebeldes do líder histórico na construção de memória oficial; enquanto o EGTK contesta, de certa forma, o governo boliviano pelo esquecimento completo de elementos que se remetam aos povos autóctones na memória nacional. Zapata como um participante de um episódio relevante para a história nacional mexicana (entenda-se a Revolução Mexicana), ainda que apresentasse demandas radicais, não podia ser ignorado pelas autoridades mexicanas que incorporam sua figura na construção da memória nacional com a intenção de contemplar os camponeses mexicanos no projeto de nação – ainda que apagando o caráter rebelde desse personagem (justamente aquele que mais interessa aos camponeses, pois reivindica a restituição de terras). Também entra em questão a não identificação imediata de Zapata com os indígenas, pois o líder popular na Revolução Mexicana, apesar de origem pobre, não é em termos étnicos propriamente um indígena. À luz do caso mexicano, podemos inferir algumas interpretações acerca da disputa de memória ocorrida entre o movimento boliviano e o governo de seu país. Observa-se que Tupak Katari é uma figura mais distante no tempo e um personagem que reivindica medidas mais radicais em seu programa. A rebelião que Katari liderou, ainda que de grande relevância para a história colonial boliviana – vista da perspectiva dos sujeitos oprimidos -, não resulta em uma mudança extremamente abrupta para a Bolívia – diferentemente da Revolução Mexicana para o México - podendo, assim, ser ignorada pelas autoridades bolivianas na construção da memória nacional. Além disso, soma-se o fato de Tupak Katari ser um indígena aimára de origem humilde, criando uma contradição - caso ele fosse elevado ao patamar de herói nacional – com a prática das autoridades de inserção dos povos autóctones bolivianos de modo subordinado à nação.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 119

O último elemento relativo à construção da memória em ambos os movimentos que se deve analisar é a referência a lugares que, de alguma forma, são relevantes do ponto de vista da relação dos grupos com o passado de seus inspiradores. A partir do momento em que o EZLN adota o diálogo e a negociação com o governo para alcançar seus objetivos, após receber o apoio da sociedade civil mexicana, passa também a propor conversas com essa própria sociedade civil. Os encontros resultados dessa proposição se deram na Selva Lacandona, em Chiapas através de convenções, sendo a primeira delas a Convenção Democrática Nacional, em agosto de 1994¹²⁷. O movimento mexicano nomeou esses encontros de “Aguascalientes” em uma referência ao estado mexicano em que aconteceu a reunião dos líderes de diferentes correntes políticas da Revolução Mexicana, em 1914. Gustavo Castro Soto demonstra essa referência:

A este espacio le llamaron el ‘Aguascalientes’ en alusión a la Convención Nacional Revolucionaria, que se llevara a cabo en el estado de Aguascalientes y que recibiera a las fuerzas insurgentes durante la revolución mexicana. Pero ahora era un encuentro revolucionario con la sociedad civil democrática¹²⁸

Outro local de memória importante para o EZLN é o estado de Morelos. Nessa região, Emiliano Zapata nasceu e, a partir dele, travou sua luta em defesa dos camponeses e de seu projeto de reforma agrária. Quando a delegação do movimento passa pela cidade de Cuernavaca durante a Marcha Zapatista no ano de 2001, os insurgentes afirmam sentirem orgulho de pisarem em um solo com “historia y dignidad”¹²⁹ e falam em nome do próprio Zapata, trazendo o que seria uma carta escrita pelo próprio rebelde morelense. Claramente o momento em que o ELZN escolhe para pronunciar-se como se Zapata estivesse presente fisicamente ao seu lado está determinado pelo local da manifestação, que demonstra uma forte ligação com a memória de seu inspirador.

Felipe Quispe ao escrever sobre a rebelião liderada por Tupak Katari durante os anos de 1781 e 1783 afirma que o cerco à cidade de La Paz, principal ação do líder indígena aimára nesse conflito da época colonial, se dá a partir de El Alto de La Paz¹³⁰. Lício Romero Costa endossa essa afirmação:

127 SOTO, Gustavo Castro. *Para entender al EZLN*, 2003. Disponível em: <http://www.otrosmundoschiapas.org/analisis/PARZLN.pdf>

128 *Ibidem*, p. 2

129 EZLN, *Palabras del EZLN día 6 de marzo del 2001 en Cuernavaca, Morelos*, p. 1

130 QUISPE, Felipe. Guerra Revolucionaria de Ayllus (1781-1783). In: *Op. Cit.*, 1988, p. 49

Junto ao seu marido [Tupak Katari], Bartolina Sisa comandou as tropas de índios que sitiaram La Paz por duas vezes no decorrer do ano de 1781 – a partir do lugar onde hoje se localiza a cidade de El Alto – mantendo o cerco por meses até seu definitivo levantamento, em face da chegada de reforços militares enviados pelo Vice-Reinado em Buenos Aires¹³¹.

A região ainda não era uma cidade à época da revolta de Katari, mas quando surge o EGTK, a cidade existe e tem o nome de El Alto, as suas características são explicadas por Fabíola Escárzaga:

La Paz es invadida cotidianamente por los trabajadores aymaras y los criollo-mestizos viven esa invasión como una amenaza. El conflicto es intenso por el roce constante, a pesar de la segregación establecida. El Alto de La Paz, la ciudad dormitorio de sus servidores, con más de 800 mil habitantes [à época da publicação desse artigo], es hoy la ciudad india más grande de América¹³²

Por sua grande concentração de indígenas, mas também pelo significado simbólico ligado às ações de Tupak Katari durante o cerco a La Paz, El Alto é a cidade escolhida para as primeiras ações de guerrilha do EGTK, Escárzaga é quem traz essa informação:

Según Quispe la guerra de guerrillas inició formalmente el 21 de junio de 1991, Año Nuevo Aymara. Para marcar su inicio colgaron tres gallos en postes de luz de El Alto. Como el hecho resultó intrascendente para la opinión pública, eligieron otra fecha para comenzar la propaganda armada, la más cercana era el 4 de julio de 1991 (aniversario de la independencia de Estados Unidos). Ese día volaron con explosivos tres torres de alta tensión en las cercanías de El Kenko, barrio de El Alto¹³³.

As memórias constituídas por EZLN e EGTK em torno de seus personagens levam em conta, portanto, todos os elementos elencados por Pollak como aqueles que irão ser importantes para a constituição das memórias coletivas. Primeiramente, constatou-se a ideia de afirmação dos grupos como herdeiros de Zapata (para o caso mexicano) e Katari (para o caso boliviano), em que são destacados determinados aspectos da trajetória e dos ideais dos dois líderes por cada um dos grupos em função dos seus objetivos a serem alcançados, bem como de suas formas de luta que se mostraram diferentes (a do EZLN a partir de sua perspectiva de diálogo e negociação e a do EGTK a partir da luta armada como meio de tomar o poder). Assim, pode-se entender o caráter de flutuação que sofre a memória devido a demandas do presente. Essas referências estabeleceram uma relação forte com o passado, na qual os dois movimentos utilizam-se de fatos que não fizeram parte de seu espaço-tempo

131 COSTA, Lício Romero. *Op. Cit.*, p. 9

132 ESCÁRZAGA, Fabíola. *El Ejército Guerrillero Tupak Katari (EGTK), la insurgencia aymara em Bolivia*, p. 1

133 *Ibidem*, p. 13

para construir suas memórias, inserindo suas lutas em uma perspectiva de continuidade temporal. Em um segundo momento, portanto, pode-se notar essa intenção através de expressões que os grupos lançam mão, de suas reivindicações como herdeiros dos povos oprimidos dos dois países e da maneira como EZLN e EGKT usam a história em seus discursos. Ao fim e ao cabo, a perspectiva de continuidade temporal na qual são colocadas as demandas tem o intuito de justificar a insubordinação e buscar legitimá-la, chamando a atenção para o fato de que a opressão às populações autóctones acontecem desde a chegada dos colonizadores espanhóis em seus países. Concomitantemente, a trajetória de combate de seus mortos deve ser respeitada, de certa forma “obrigando” os grupos a não se manterem passivos diante da exploração dos povos autóctones contemporâneos. A memória coletiva devido a ser um processo de construção, como afirma Pollak, tem um caráter de disputa. Essa disputa pode ser compreendida através da oposição que há entre as memórias subterrâneas (justamente as reivindicadas pelo EZLN e pelo EGKT) e a memória oficial (forjada pelo Estado). Num terceiro momento, notou-se como essa disputa ocorre em torno da figura de Zapata para o caso mexicano, através da análise feita por Daniela Albarrán, que demonstra a apropriação da figura do revolucionário mexicano a partir de sua relevância para as transformações democráticas nesse país, mas apagando o caráter rebelde da imagem de Emiliano Zapata. Em oposição a essa memória oficial, o EZLN dá relevo às demandas radicais de Zapata, como o ideal de justiça social e suas aspirações democráticas. O caso do EGTK mostrou-se diferente, pois a disputa pela memória travada com as autoridades bolivianas passa pela ausência, na memória oficial, de elementos que valorizem os povos autóctones. Além disso, detectou-se, a partir das fontes, a disputa com outros movimentos étnicos bolivianos em torno da figura de Katari, sendo esses repudiados pelo EGTK como traidores dos ideais do líder indígena. Por fim, os lugares de memória presentes nos discursos de ambos os movimentos revelam-se importantes para a construção da memória coletiva do grupo, ainda que estejam distantes no espaço-tempo dos integrantes do EZLN e do EGTK. A partir da análise desses elementos em comum entre as duas organizações, pode-se concluir que a memória coletiva construída pelos mexicanos e pelos bolivianos demonstra uma ligação extremamente forte com acontecimentos fora de seu espaço-tempo (o que Pollak caracteriza como acontecimentos vividos “por tabela”), gerando, assim, o que se pode intitular de uma memória herdada. Como já visto anteriormente, Michael Pollak informa que a memória quando é herdada estabelece uma relação muito mais estreita com a constituição da identidade do grupo.

CAPÍTULO 3: Identidade

Se as memórias constituídas pelos movimentos são herdadas, de que maneira os elementos analisados acima podem ajudar a compreender as identidades de cada um dos grupos? Entender de que forma o EZLN e o EGTK utilizam as figuras de Zapata e Katari, respectivamente para reforçar suas identidades de luta é impossível sem que se entenda o papel dos elementos memorialísticos na construção dessas identidades. Nesse sentido, é válido apropriar-se do que Michael Pollak intitula de “enquadramento da memória”. Em linhas gerais, esse conceito dá conta da maneira como a memória será utilizada para construir e/ou reforçar o sentimento de identidade de uma coletividade:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc¹³⁴.

O processo de enquadramento da memória depende também das referências feitas ao passado com o intuito de, segundo Pollak, “manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem a sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis”¹³⁵. A memória tem as funções, portanto, de “manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum”¹³⁶. Essa ideia fica clara em ambos os casos analisados nesta monografia. A inserção das lutas de EZLN e de EGTK numa perspectiva temporal longa, em que a todo momento são postas em relevos as razões históricas pelas quais suas rebeldias são legítimas tem como intuito dar coesão interna aos grupos, bem como conseguir a aceitação daqueles que não pertencem ao grupo (tratar-se-á mais adiante de como o “outro” é importante na definição das identidades coletivas). A identificação dos componentes do EZLN como continuadores da obra de Zapata passa pela recuperação de seus ideais como forma de luta e da insistência de que suas concepções devem ser mantidas vivas para lutar contra a opressão que recai sobre os povos autóctones mexicanos há quinhentos anos. A mesma forma de identificação aparece nos escritos do EGTK, que se afirmam também como os continuadores da obra de Tupak Katari e apelam para seus ideais de luta armada com o objetivo de tomada do poder para garantir a autodeterminação dos povos indígenas. O EGTK alia também a isso a história de

134 POLLAK, Michael. *Op. Cit*, 1989, p. 9

135 *Ibidem*, p. 9

136 *Ibidem*, p.9

combatividade de seus antepassados autóctones contra a opressão para justificar seu levante. Vê-se, então (como demonstrado no capítulo 2), que ambos os movimentos lançam mão de referências ao passado preocupando-se com o que Pollak chamou de “imperativo da justificação”, é ele que impede que o trabalho de enquadramento da memória seja feito de forma arbitrária¹³⁷. Esse processo se abastece do material disponibilizado pela história e que

pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas. Mas [...] o trabalho permanente de reinterpretação do passado é contido por uma exigência de credibilidade que depende da coerência dos discursos sucessivos¹³⁸

Observou-se também esse trabalho de reinterpretação do passado nos textos do EZLN, principalmente quando da já comentada mudança na perspectiva de ação do grupo mexicano, a partir do momento que ganha o apoio à sua causa da sociedade civil¹³⁹. Nota-se claramente essa mudança de perspectiva ao comparar-se a *Primera Declaración de la Selva Lacandona*, a qual o EZLN afirma ser uma declaração de guerra e exige a deposição do presidente Carlos Salinas de Gortari: “Conforme a esta Declaración de guerra pedimos a los otros Poderes de la Nación se aboquen a restaurar la legalidad y la estabilidad de la Nación deponiendo al dictador”¹⁴⁰; e a *Segunda Declaración de la Selva Lacandona*, em que o discurso passa a abordar a possibilidade de diálogo também como forma de luta, sem que necessariamente deva existir o confronto armado com os governantes: “El sectario supone, erróneamente, que el solo accionar de los fusiles podrá abrir el amanecer que nuestro pueblo espera desde que la noche se cerró, con las muertes de Villa y Zapata, sobre el suelo mexicano”¹⁴¹. Essa mudança se dá sem abrir mão das concepções zapatistas de rebeldia, mantendo a coerência do movimento em relação à utilização da memória para reforçar um sentimento de identidade de luta, tanto é que a *Segunda Declaración* inicia-se com um excerto de um texto de Emiliano Zapata defendendo outras formas de combate que não só o armado: “también lanzando ideas de redención, frases de libertad y anatemas terribles contra los verdugos del pueblo, se derrumban dictaduras, se derrumban imperios”¹⁴². Esse discurso se mantém nas manifestações públicas do EZLN que foram analisadas nesta monografia, como demonstrado anteriormente, e aliado às referências que se fazem à história de

137 *Ibidem*, p. 9

138 *Ibidem*, p. 10

139 Rever a Introdução e o capítulo 1 dessa monografia.

140 EZLN, *Primera Declaración de la Selva Lacandona*, janeiro de 1994, p. 2

141 EZLN, *Segunda Declaración de la Selva Lacandona*, junho de 1994, p. 5

142 Emiliano Zapata na voz de Paulino Martínez, delegado zapatista a la Soberana Convención Revolucionaria, Aguascalientes, Ags., México, 27 de octubre de 1914 citado por EZLN, *Ibidem*, p. 1

opressão dos povos autóctones mexicanos resulta num sentimento de identidade combativa e de caráter indígena, atendendo às necessidades de manutenção de uma coerência no trabalho de enquadramento da memória, defendendo as fronteiras de pertencimento dos seus componentes (a maioria índios de Chiapas). Em função do limite temporal das fontes consultadas para o caso do EGTK e também do curto período de duração do movimento não se pode perceber de forma tão clara as reinterpretações que as referências ao passado feitas pelo grupo boliviano promoveu em relação à memória de Tupak Katari. No entanto, é possível observar a preocupação em manter uma identidade que é diferenciada daquela que é constituída por indígenas que se apropriam da figura de Katari para justificar outro modo de combate pelos direitos dos povos autóctones que não a guerrilha revolucionária. Esses são caracterizados por Felipe Quispe como os “kataristas amarillos”¹⁴³ e definidos como traidores que sujam o nome de Katari:

[...] estos buitres, el sagrado nombre del Mallku Tupak Katari, han utilizado como un trapo sucio para limpiar sus curules parlamentarios de los terratenientes, empresarios y otros chupasangres extracontinentales¹⁴⁴

Como visto antes, a defesa do modo de atuação através da luta armada, é justificado a partir do emprego dessas ações pelo próprio Tupak Katari e pelos aimáras que lutaram ao seu lado no conflito ocorrido entre 1781 e 1783. A coerência é, pois, formulada em torno das práticas de luta assumidas pelo grupo e seus componentes. O caráter indígena da identidade combativa do grupo boliviano está presente na ligação mais direta que há com o personagem que inspira o movimento: um líder de origem aimára que se rebelou contra a exploração dos povos autóctones durante o período colonial da história boliviana. Portanto, as fronteiras de pertencimento dos integrantes do grupo e daqueles que irão se beneficiar com o alcance de seus objetivos são delimitadas a partir da maneira de luta elegida pelo grupo e pela noção de que esse é um movimento que tem demandas que interessam aos originários do “Qullasuyu”.

Essa observação feita acerca da construção da identidade do EGTK em oposição a outro grupo que se apropria da figura de Katari remete a mais um elemento muito importante na construção e reforçamento das identidades dos movimentos: o outro. Se a identidade é entendida como “a imagem de si, para si e para os outros”¹⁴⁵, ela deve levar em

143 ESCÁRZAGA, Fabíola. *El Ejército Guerrillero Tupak Katari (EGTK), la insurgencia aymara em Bolivia*, p. 12

144 QUISPE, Felipe. Guerra Revolucionaria de Ayllus (1781-1783). In: *Op.Cit*, 1988, p.6

145 POLLAK, Michael. *Op. Cit*, 1992, p. 5

conta os outros e sua aceitabilidade e credibilidade em relação a essa identidade construída. Ao mesmo tempo, essa identidade é constituída em oposição ao outro, pois ela demanda que exista uma diferenciação dos componentes de determinado grupo em relação àqueles que são vistos como seus opositores. Essa perspectiva se torna especialmente verdade ao tratarmos de identidades combativas como as do EZLN e do EGTK. Afinal de contas, se existiam os inimigos de Zapata e de Katari no passado, existem também os inimigos dos oprimidos no momento em que os movimentos estão lutando. Em ambos os grupos, evidencia-se a noção de que os inimigos são os governantes, os mesmos que os exploram. Se os integrantes das guerrilhas são os herdeiros dos oprimidos (como demonstrado num momento anterior), os governantes são os herdeiros dos colonizadores. Nesse sentido, Felipe Quispe afirma que os q'aras burgueses são “descendientes de los vice-godos, que se hacen los dueños de todo poder político económico de nuestro país”¹⁴⁶ e que essa minoria branca “utiliza y ha utilizado siempre hasta nuestros días sus más fieros y sanguinarios métodos en todas las Guerra revolucionarias [...]”¹⁴⁷. São eles os responsáveis pela situação de penúria dos indígenas bolivianos:

[...] hoy en día estamos viendo con nuestros propios ojos, cómo los descendientes de los vice-godos con la etiqueta de la democracia, o si no con la fuerza de las armas, saquean y entregan nuestras riquezas naturales a su madre Europa y Estados Unidos de Norteamérica, todo los q'aras que desfilaron por el Palacio quemado como presidente de la llamada república de Bolivia, no son más que hijos de los extranjeros que no le importa nada, solo han robado y desmanbrado nuestra nación QULLASUYANA hasta meterlo a un lodosal y patanal de crisis em crises [...]”¹⁴⁸

A identificação de seus exploradores com aqueles que iniciaram a sua opressão há quinhentos anos reforça a inserção de sua impugnação num panorama temporal de larga duração. Como analisado acima, o EGTK opõe-se também àqueles que usam a figura de Katari para atuar em nome dos indígenas, porém de outra maneira que não a luta armada, defendendo as fronteiras daquilo que o grupo dos rebeldes bolivianos tem em comum, a fim de manter a coerência da imagem como grupo indígena que opta pela ação armada. A mesma intenção encontra-se nos discursos do EZLN, nos quais os governantes aparecem também como herdeiros daqueles que sempre exploraram os povos autóctones e, na contemporaneidade, mantém essa posição, sendo acusados de traidores pelos zapatistas dos anos 1990:

146 QUISPE, Felipe. Guerra Revolucionaria de Ayllus (1781-1783). In: *Op. Cit.*, 1988, p. 4

147 *Ibidem*, p.49

148 *Ibidem*, p.75

Son los mismos que se opusieron a Hidalgo y a Morelos, los que traicionaron a Vicente Guerrero, son los mismos que vendieron más de la mitad de nuestro suelo al extranjero invasor, son los mismos que trajeron un príncipe europeo a gobernarnos, son los mismos que formaron la dictadura de los científicos porfiristas¹⁴⁹

Em 1996, os indígenas zapatistas inciam um diálogo com o governo federal para que se chegasse a um acordo referente ao direito de autodeterminação dos autóctones, através dos “Dialogos de San Andrés”. Ainda que dessas reuniões tenham resultado os “Acuerdos de San Andrés” referentes à Mesa I de discussões sobre Direitos e Culturas indígenas¹⁵⁰ em fevereiro do mesmo ano (restando ainda três mesas para debates e negociações com o intuito de assinar a paz definitiva e promover o desarmamento dos indígenas – fato nunca ocorrido devido à indisposição do governo de continuar as negociações), já em janeiro de 1996 o EZLN demonstrava que, do seu ponto de vista, os diálogos eram emperrados em função das posições dos representantes governamentais enviados para as mesas:

Los neo-conquistadores de los indígenas que encabezan el equipo negociador del gobierno se distinguen por una actitud prepotente, soberbia, racista y humillante que llevó de fracaso en fracaso las distintas reuniones del Diálogo de San Andrés¹⁵¹

A análise realizada ao longo da pesquisa permite afirmar que ambos os grupos preocupam-se também em legitimar a sua imagem combativa perante os outros, apropriando-se das referências ao passado não só de seus personagens inspiradores, mas também dos ancestrais dos sujeitos pertencentes aos movimentos, identificados como, em sua maioria, indígenas e que carregam às suas costas um histórico de opressão. Dessa forma, a construção e reforçamento das identidades de luta de ambos não acontece somente em oposição ao outro, mas igualmente na busca pela aceitação dos elementos que não compõe esses grupos.

Quais são as identidades formuladas pelo EZLN e pelo EGKT a partir dos elementos de memória elencados na pesquisa? Em comum, as identidades apresentam como fronteiras de pertencimento o caráter combativo, o caráter marcadamente indígena e a referência a heróis, do seu ponto de vista, que viveram fora do espaço-tempo dos componentes dos grupos. Visivelmente, a constituição e a defesa de uma identidade desse gênero busca a aglutinação em torno dos objetivos a serem alcançados pelos movimentos. Como visto, esse processo se dá apoiada em referências à história das situações de exploração dos sujeitos que

149 EZLN, *Primera Declaración de la Selva Lacandona*, janeiro de 1994, p.1

150 SOTO, Gustavo Castro. *Op Cit.*, p. 3

151 EZLN, *Cuarta Declaración de la Selva Lacandona*, janeiro de 1996, p.3

se agrupam em torno do ideal de luta pelo fim da opressão que são submetidos há quinhentos anos. No entanto, as diferenças nas identidades são também perceptíveis. O EZLN tem maior sucesso ao legitimar sua imagem de luta perante a sociedade civil mexicana, pois se fortalece enquanto movimento no momento em que adota a perspectiva de diálogo e negociação (ainda que não abandone a luta armada como forma de defesa) com o governo federal do país, mostrando, dessa maneira, que se dispõe a ouvir os apelos da sociedade civil e ganhando a aprovação e aceitação da mesma. O que fica patente, a partir disso, é que as fronteiras do EZLN são demarcadas pelo seu caráter indígena, porém essa perspectiva de abertura aos pedidos da população legitimam perante a ela sua existência e suas demandas. Ainda é necessário destacar que a figura inspiradora do movimento (Emiliano Zapata) já é presente no imaginário dessa população (incluindo-se os não indígenas) tanto do ponto de vista dos que apelam para a memória de cunho mais radical de Zapata, caracterizando-se como uma memória subterrânea, como do ponto de vista da memória oficial forjada pelo Estado (como demonstrou a pesquisadora Daniela Albarrán¹⁵²), facilitando em parte, em minha opinião, o reconhecimento das demandas do movimento. Da mesma forma, não se pode ignorar o uso inteligente que o movimento faz da internet, que ainda que nos anos 1990 não tivesse o mesmo alcance que tem nos dias atuais, permite a difusão da voz do EZLN.

O EGTK, por sua vez, demonstra uma identidade combativa e de caráter indígena, mas, a meu ver, constrói sua imagem de uma maneira mais fechada que a do EZLN. Essa característica pode ser percebida a partir, primeiramente, de Estado que os guerrilheiros bolivianos pretendem implantar no seu país, caracterizado por um governo dirigido por indígenas e no qual os brancos e mestiços devem ser submetidos às leis formuladas pelos autóctones, expondo uma indisposição para o diálogo com as autoridades bolivianas e com aqueles que não são indígenas. Essa intenção se apoia nos ideais preconizados por sua figura inspiradora, Tupak Katari, que faz parte do imaginário de muitos autóctones que se inserem na luta pelos direitos dos indígenas na Bolívia, mas que – diferentemente do que acontece com Zapata no México -, ao que tudo indica, não se faz presente na memória oficial forjada pelo Estado boliviano, dificultando assim, em minha opinião, também o reconhecimento por parte dos não indígenas EGTK como um movimento legítimo, ainda que essa organização busque a justificação de sua luta a partir dos argumentos históricos, como visto

152 ALBARRÁN, Daniela. *Op. Cit.*

anteriormente. É claro que esse foco na falta de diálogo com os bolivianos identificados como os brancos e mestiços é mais patente na documentação consultada por serem, em sua maioria, manifestações apresentadas em congressos de sindicatos de trabalhadores indígenas, onde acontecia, principalmente, a atuação do EGTK, como revela Felipe Quispe em entrevista a Fabíola Escárzaga: “Descubrí que el movimiento indígena no puede hacerse al margen de la organización sindical, es la organización la que da base social al movimiento', dice Quispe”¹⁵³. É preciso sublinhar que essa conclusão é feita com base nas fontes consultadas, que apresentam um limite temporal pequeno e que, como já dito, demonstram a visão da vanguarda indígena do movimento boliviano, porém lançando mão da metodologia de História Comparada em que é possível conhecer melhor uma realidade menos estudada a partir de uma melhor analisada, creio serem válidas as observações feitas a cerca da construção da imagem do EGTK a partir do mesmo processo presente no EZLN.

153 ESCÁRZAGA, Fabíola. *El Ejército Guerrillero Tupak Katari (EGTK), la insurgência aymara em Bolivia*, p. 5

CONCLUSÃO

A análise dos elementos que constituem as memórias de EZLN e EGTK permitiu observar a construção de identidades muito semelhantes entre os dois movimentos. Identidades essas que se baseiam, principalmente em: a) o caráter indígena; b) a herança de opressão; e c) a herança de luta. Essas são as fronteiras de pertencimento dos componentes dos grupos que são defendidas de forma a gerar e reforçar uma identidade combativa, que permita a mobilização para a luta, visando a conquista dos objetivos de seus movimentos.

Foi possível perceber ao longo do trabalho, que essa imagem dos dois grupos é justificada e consolidada através de elementos pertencentes ao passado, dos quais se destacam a referência a figuras históricas (Emiliano Zapata para o caso do EZLN e Tupak Katari para o caso do EGTK). Os movimentos remetem-se a esses heróis de sua história recuperando e atualizando seus ideais e suas formas de luta a fim de que eles sirvam como base para as demandas do presente. Como Pollak informa, esse processo de reinterpretação faz parte da constituição da memória que pode sofrer flutuações e mudanças em função do presente. Ainda que as figuras de Zapata e a Katari sejam centrais, servindo de base da formulação dessas memórias, não é possível, conforme já visto, compreender esse complexo processo sem abarcar uma série de outros elementos além da evocação que EZLN e EGTK fazem de Zapata e Katari, respectivamente. Por essa razão, focou-se também em outras referências feitas pelos movimentos a aspectos do passado, tendo como apoio o conceito de memória pensado por Pollak, como os acontecimentos fora do espaço-tempo da coletividade e os lugares ligados a uma memória. Nesse sentido, evidenciou-se a inserção da luta dos movimentos em uma perspectiva temporal longa, com o objetivo de legitimar e consolidar suas demandas através: a) das expressões utilizadas pelos movimentos; b) da autoprocamação como herdeiros dos oprimidos; e c) do uso da História. O que parece claro a partir da análise feita é que as figuras de Zapata e de Katari são usadas pelos movimentos como base para a construção da memória e ao entorno desses personagens e de seus ideais são agregados outros elementos (também relativos ao passado) a fim de montar a identidade necessária para a luta contra sua opressão. No caso dos dois movimentos, identidades combativas que têm como característica principal a feição indígena e a posição desses como povos explorados, mas que em nenhum momento deixaram de resistir a essa exploração. Assim se pode entender a identidade desses dois movimentos como uma espécie de mosaico, onde as figuras históricas assumem uma posição central e os demais elementos

memorialísticos são agregados, relacionando-se a Zapata e a Katari, de maneira a completar esse quadro complexo e manter a coerência da imagem assumida pelo EGKT e pelo EZLN.

Por fim, é importante notar a relevância da pesquisa para os estudos sobre os movimentos indígenas na América Latina. Ainda que o EZLN já tenha sido trabalhado em muitos textos, alguns tratando inclusive da relação entre memória e identidade, tornando-o, dessa forma, um movimento muito mais conhecido e do qual dispõe-se de uma quantidade grande de informações em função também da difusão que o uso da internet proporcionou a esse grupo, acredita-se que a comparação com um movimento menos conhecido como o EGTK pode iluminar a construção da memória e da identidade que os rebeldes bolivianos fazem referindo-se a figura histórica de Tupak Katari, como fazem também os zapatistas chiapanecos em relação a Zapata. Portanto, através da metodologia da História Comparada foi possível perceber a variação de um modelo de estruturação da memória e da identidade que tem como apoio central uma figura histórica. Ao mesmo tempo, pode-se evidenciar as semelhanças dos casos estudados, deixando claro que, a partir do ponto de vista dos dois grupos, existem razões em comum para a emergência desses movimentos armados de indígenas, na Bolívia e no México, levando-se em conta o contexto da aplicação de medidas neoliberais no continente latino-americano. O trabalho realizado permite entender, ao menos em parte, a função do uso do passado (através da relação entre memória e identidade) no processo de ressurgimento do índio como sujeito que, para dar voz à sua indignação, lançam mão de elementos históricos a partir da sua versão do passado. Nesse sentido, entende-se que esta pesquisa fornece uma pequena contribuição para a compreensão dos debates acerca dos movimentos indígenas de insubordinação no contexto do neoliberalismo na América Latina.

REFERÊNCIAS

Fontes

Referentes ao EGTK:

QUISPE, Felipe. *Tupak Katari vuelve...carajo*. Ediciones Ofensiva Roja, La Paz, 1988.

EGTK, *¿Qué busca el EGTK?* Citado por: SALOMÓN, Jaime Iturri. *EGTK: La guerrilla aymara en Bolivia*. Ediciones Vaca Sagrada, 1992, La paz, Bolivia. E disponível em: <http://www.cedema.org/ver.php?id=1245>. Acesso em: 17/06/2013, às 12h24min.

Referentes ao EZLN:

EZLN, *Primera Declaración de la Selva Lacandona*, janeiro de 1994.

_____, *Segunda Declaración de la Selva Lacandona*, junho de 1994.

_____, *Tercera Declaración de la Selva Lacandona*, janeiro de 1995.

_____, *Cuarta Declaración de la Selva Lacandona*, janeiro de 1996.

_____, *Quinta Declaración de la Selva Lacandona*, julho de 1998.

_____, *Palabras del EZLN día 6 de marzo del 2001 en Cuernavaca, Morelos*, março de 2001.

Bibliografia

ALBARRÁN, Daniela. *Los usos de la memoria y de la historia del zapatismo en un conflicto actual: origen y surgimiento del EZLN 1994*. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/30312>. Acesso em: 26/06/2012, às 14h58min.

ANTONI, Edson. *Os novos movimentos sociais latino-americanos: o Exército Zapatista de Libertação Nacional e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ARIAS, Sofía Rojas. Los usos de la história: memoria y olvido en los comunicados del EZLN. In: *Perfiles Latinoamericanos*, ano 5, n. 9, 1997. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=11500910>. Acesso em:

29/06/2012, às 02h32min.

BARROS, Carlos. Chiapas y la escritura de la historia. In: *Revista Clio y Asociados*, n. 5, 2000. Disponível em: http://bibliotecavirtual.unl.edu.ar:8180/publicaciones/bitstream/1/2467/1/CLIO_5_2000_pag_58_75.pdf. Acesso em: 29/06/2012, às 01h08min.

BARROS, José D' Assunção. História Comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. In: *História Social (Revista da Unicamp)*. vol.13, 2007, 7-21 Disponível em: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/download/207/199 . Acesso em 26/06/2012, às 16h07min.

BARTRA, Armando; OTERO, Gerardo. Movimientos campesinos em México: la lucha por la tierra, la autonomia y la democracia. In: MOYO, Sam e YERO, Paris (coord.). *Recuperando la tierra, el resurgimiento de movimientos ruarales em México, Asia y América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, pp. 401-128.

BISCO JR., José Gaspar. *México Insurgente: Da Revolução Mexicana ao surgimento do EZLN*. Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2003. Disponível em: http://www.ichs.ufop.br/lph/images/stories/2003_-_JOS_GASPAR_BISCO_JNIOR.pdf Acesso em: 02/06/2013, às 00h44min.

CASANOVA, Pablo Gonzáles. Causas da rebelião em Chiapas. In: *Revista O Olho da História*, Salvador, n. 3, dez. 2006. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/03casano.html>. Acesso em: 29/06/2012, às 0h38min.

COSTA, Lício Romero. A importância da figura de Tupak Katari para os movimentos indigenistas bolivianos na segunda metade do século XX – *XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo: 2001. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300935683_ARQUIVO_ArtigoANPUH_Nacional2011-LicioRomeroCosta.pdf.

DEVOTO, Fernando e FAUSTO, Boris. *Argentina – Brasil: 1850 – 2000: un ensayo de Historia Comparada*. 1ª ed., Buenos Aires: Sudamericana, 2008.

ESCÁRZAGA, Fabíola. *La comunidad indígena en las estrategias insurgentes de fin*

del siglo XX en Perú, Bolivia y México. Tesis de Doctorado en Estudios Latinoamericanos presentada a Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, UNAM, Noviembre de 2006.

_____. *El Ejército Guerrillero Tupak Katari (EGTK), la insurgência aymara em Bolivia*. Disponível em: www.pacarinadelsur.com/home/oleajes/441-el-ejercito-guerrillero-tupak-katari-egtk-la-insurgencia-aymara-en-bolivia. Acesso: 25/06/2013 às 01h43min.

_____. La emergencia indígena contra el neoliberalismo. In: *Política y Cultura*, otoño 2004, núm. 22

ESPONDA, Juan González e BARRIOS, Elizabeth Pólito. Notas para comprender el origen de la rebelión zapatista. In: *Revista Chiapas*, México, Ediciones Era, n. 1, 1994. Disponível em: <http://www.revistachiapas.org/No1/ch1gonzalez-polito.html>. Acesso em 28/06/2013 às 23h55min.

GENNARI, Emilio. *EZLN: passos de uma rebeldia*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

GRONDIN, Marcelo. *A rebelião camponesa na Bolívia*. Coleção Tudo é História, São Paulo: Brasiliense, 1984.

PADRÓS, Enrique Serra [et. al] (orgs.). *A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória*. Porto Alegre: Corag, 2010. - v.2

POLLACK, Michael. Memória e Identidade social. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

_____. Memória, Esquecimento e Silêncio. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15

ROCHA, Maurício Santoro; CÂMARA, Marcelo Argenta; SEGABINAZZI, Alessandro. *Bolívia: de 1952 ao Século XXI*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão; Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2007. (Coleção América do Sul)

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *Mitos y olvidos en la história oficial del México*. México D.F., Ediciones Era, 2004.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre; ECHEVERRÍA, Bolívar; MONTEMAYOR, Carlos; WALLERSTEIN, Immanuel. *Chiapas en perspectiva histórica*. El Viejo Topo, 2001.

SMITHERS R., Salvador. Hacia la relectura del Plan de Ayala. In: ZAPATA, Édgard C. e GÓMEZ P. Francisco (compiladores). *A cien años del Plan de Ayala*. México: Ediciones Era, 2013, pp. 13-50

SOTO, Gustavo Castro. *Para entender al EZLN*, 2003. Disponível em: <http://www.otrosmundoschiapas.org/analisis/PARZLN.pdf>

WASSERMAN, Claudia. Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois”. In: *Cadernos IHU ideias*, ano 9, n. 152, 2011.

WOOMACK JR., John. *Zapata y la Revolución Mexicana*. Havana, Cuba: Editorial Ciencias Sociales, 2002.